



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
ROSILANE DAMAZIO CACHOEIRA

**AÇÕES EDUCATIVAS DO MUSEU AO AR LIVRE PRINCESA ISABEL:
VISIBILIDADE E VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA DO IDOSO NO MUNICÍPIO DE
ORLEANS - SC**

Tubarão

2018



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
ROSILANE DAMAZIO CACHOEIRA

**AÇÕES EDUCATIVAS DO MUSEU AO AR LIVRE PRINCESA ISABEL:
VISIBILIDADE E VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA DO IDOSO NO MUNICÍPIO DE
ORLEANS - SC**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Prof.^a Dr.^a Deisi Scunderlick Eloy de Farias

Tubarão
2018

Cachoeira, Rosilane Damazio, 1971-
C12 Ações educativas do museu ao ar livre Princesa Isabel :
visibilidade e valorização da memória do idoso no município de
Orleans – SC / Rosilane Damazio Cachoeira ; – 2018.
76 f. : il. color. ; 30 cm

Orientadora : Profa. Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias.
Dissertação (mestrado)—Universidade do Sul de Santa
Catarina, Tubarão, 2018.
Inclui bibliografias.

1. Museus ao ar livre – Orleans (SC) – Aspectos
educacionais. 2. Memória – Aspectos sociais. 3. História oral. 4.
Idosos – Orleans (SC) – Entrevistas. I. Farias, Deisi Scunderlick
Eloy de. II. Universidade do Sul de Santa Catarina Mestrado em
Ciências da Linguagem. III. Título.

CDD (21. ed.) 069.071

Ficha catalográfica elaborada por Francielli Lourenço CRB 14/1435

ROSILANE DAMAZIO CACHOEIRA

**Ações educativas do museu ao ar livre Princesa Isabel: visibilidade e valorização
da memória do idoso no município de Orleans-SC**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 8 de junho de 2018.



Professora Deisi Scunderlick Eloy de Farias, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Marli de Oliveira Costa, Doutora
Universidade do Extremo Sul Catarinense



Professora Jussara Bittencourt de Sá, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico essa pesquisa a uma grande mulher, Victória Cancelier Damazio, minha mãe. Grande mulher, porque frente a tantas dificuldades, nunca desistiu. Executou com maestria seu papel de mãe, esposa, dona de casa, trabalhadora sem igual. E como princípio de liberdade sempre me orientou a estudar, ter uma profissão e a dirigir automóvel. O que no seu entender, daria possibilidades de fazer o trajeto da vida, quase que de forma independente. Coisa, que com certeza, em função de um contexto social, não usufruiu.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus a possibilidade da existência.

À minha família, meu bem maior, pelo estímulo para que eu continuasse a busca incessante pelo conhecimento.

A FEBAVE, instituição mantenedora do Museu, que permitiu a realização dessa pesquisa, incentivando sempre seus colaboradores, em especial os professores, na ampliação da formação acadêmica.

A minha orientadora, Professora Deisi, que acreditou na minha pesquisa e, acima de tudo, acreditou na minha capacidade de concretizá-la. Seus conhecimentos, suas orientações foram fundamentais em todos os momentos.

Enquanto a fama se orienta para o futuro e para as gerações vindouras, que devem conservar um acontecimento declarado inesquecível, a memória se orienta para o passado e avança passado adentro por entre o véu do esquecimento. Ela segue rastros soterrados e esquecidos, e reconstrói provas significativas para a atualidade (ASSMANN, 2011, p. 53).

RESUMO

O Museu ao Ar Livre Princesa Isabel, MALPI, localizado no município de Orleans e mantido pela Fundação Educacional Barriga Verde, FEBAVE, desenvolve ações educativas voltadas para os diversos públicos, dentre eles o público idoso. É um museu que preserva réplicas de máquinas que foram fundamentais para o desenvolvimento econômico da região, à época da colonização, em especial a italiana. Sendo assim, fica estabelecido como objetivo geral da pesquisa: Compreender se as ações educativas do MALPI, possibilitam a visibilidade e valorização da memória social do público idoso. Por meio da metodologia da História Oral, foi possível trazer à tona informações fundamentais para a pesquisa. Para entender melhor a relação de todo o acervo do museu com o público participante das ações, bem como a visibilidade e a valorização da memória do idoso por meio das ações educativas promovidas pelo museu, a pesquisa desenvolveu-se num primeiro momento na busca documental, relatando a história do museu, realizando recorte temporal das ações educativas direcionadas ao público idoso e na sequência pela investigação, junto ao próprio idoso, por meio de entrevistas temáticas, com roteiro previamente elaborado. As entrevistas possibilitaram a aproximação do saber contido nas memórias dos entrevistados com o saber existente dentro do museu. As categorias de análise utilizadas foram: Vida doméstica, Religião e Trabalho. Como resultado, verificou-se que o museu desenvolve ações destinadas ao público idoso e que estas possibilitam a visibilidade e a valorização de suas memórias. A pesquisa contribuiu para o fortalecimento do museu como espaço de valorização da memória e de possibilidade de acesso às diversas culturas locais.

Palavras-chave: Museu. Memória de velho. História Oral

ABSTRACT

The Princess Isabel Outdoor Museum, MALPI, located in the municipality of Orleans and maintained by the Barriga Verde Educational Foundation- FEBAVE- develops educational actions aimed at the various publics, among them the elderly public. It is a museum that preserves replicas of machines that were fundamental for the economic development of the region, at the time of colonization. Therefore, it is established as a general objective of the research: To understand if the educational actions of MALPI, make possible the visibility and appreciation of the social memory of the elderly public. Through the Oral History methodology, it was possible to bring up fundamental information for the research. In order to better understand the relationship between the entire collection of the museum and the audience participating in the actions, as well as the visibility and appreciation of the memory of the elderly through the educational actions promoted by the museum, the research was developed at first in the documentary search, describing the history of the museum, carrying out a temporal cut of the educational actions directed to the elderly public and following the investigation, together with the elderly himself, through thematic interviews, with a previously prepared script. The interviews allowed the approximation of the knowledge contained in the memories of the interviewees with the knowledge that exists within the museum. The categories of analysis used were: Domestic life, Religion and Work. As a result, it was verified that the museum develops actions aimed at the elderly public and that these enable the visibility and appreciation of their memories. The research contributed to the strengthening of the museum as a space for the valorization of memory and the possibility of access to the various local cultures.

Keywords: Museum. Memory of old. Oral History

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Vista aérea do Museu ao Ar Livre- 1980.....	26
Figura 2: Vista do açude Museu ao Ar Livre- 2017.....	26
Figura 3: Mapa do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel	27
Figuras 4 e 5: Ação Educativa 11ª Semana dos Museus	29
Figuras 6 e 7: Ação Educativa 7ª Primavera dos Museus	28
Figuras 8 e 9: Ação Educativa Cultura Indígena	29
Figuras 10 e 11: Ação Educativa Centenário de Orleans	31
Figuras 12 e 13: Ação Educativa Exposição Carro de Boi.....	31
Figuras 14 e 15: Ação Educativa 12ª Semana de Museus	33
Figuras 16 e 17: Ação Educativa Café com Histórias	33
Figuras 18 e 19: Ação Educativa Dia da Criança	34
Figuras 20 e 21: Ação Educativa Semana da Cultura Indígena	34
Figuras 22 e 23: Ação Educativa Fazendo papel reciclado	35
Figuras 24 e 25: Ação Educativa No quintal da casa do colono	37
Figuras 26 e 27: Ação Educativa 8ª Primavera de Museus	37
Figuras 28 e 29: Ação Educativa Brincadeiras Antigas	38
Figuras 30 e 31: Ação Educativa UNIVIDA.....	38
Figuras 32 e 33: Ação Educativa Semana da Cultura Indígena	39
Figuras 34 e 35: Ação Educativa 9ª Primaveras de Museus.....	40
Figuras 36 e 37: Ação Educativa Aniversário do Museu	41
Figuras 38 e 39: Ação Educativa Brincadeiras Antigas	41
Figuras 40 e 41: Ação Educativa Semana da Cultura Indígena	42
Figuras 42 e 43: Ação Educativa Moradias Antigas	42
Figuras 44 e 45: Ação Educativa Luz de lamparinas	43
Figuras 46 e 47: Ação Educativa Alimentação na casa do colono	44
Figuras 48 e 49: Ação Educativa Semana da Cultura Indígena	44
Figuras 50 e 51: Piquenique no MALPI.....	45
Figura 52: Serraria MALPI.....	54
Figura 53:Engenho de açúcar – MALPI.....	56
Figura 54: Serraria MALPI.....	57
Figura: 55:Casa do Colono MALPI.....	58

Figura 56: Engenho cana de açúcar.....	58
Figura 57: Gamela com o melado	59
Figura 58: Capela MALPI	60
Figura 59: Forno a Lenha.....	61
Figura 60: Caldeirão de chão suspenso.....	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Síntese das ações educativas 2013.....	32
Quadro 2: Síntese das ações educativas 2014.....	36
Quadro 3: Síntese das ações educativas 2015.....	39
Quadro 4: Síntese das ações educativas 2016.....	42
Quadro 5: Síntese das ações educativas 2017.....	46

SUMÁRIO

1	Introdução.....	14
2	Memória social: museu como espaço de memória	18
2.1	O MUSEU COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL	21
3	A Criação do Museu ao Ar Livre PRINCESA ISABEL (MALPI) – RECONSTRUINDO MEMÓRIAS.....	23
3.1	HISTÓRICO DO MUSEU AO AR LIVRE ORLEANS X MUSEU AO AR LIVRE PRINCESA ISABEL	23
3.2	AÇÕES EDUCATIVAS DO MALPI	28
3.2.1	Ações Educativas em 2013	288
3.2.2	Ações Educativas 2014	32
3.2.3	Ações Educativas 2015	36
3.2.4	Ações Educativas 2016	40
3.2.5	Ações Educativas 2017	43
3.2	AÇÕES EDUCATIVAS DO MALPI DIRECIONADAS AO PÚBLICO IDOSO.....	46
4	METODOLOGIA.....	499
5	ANÁLISE DAS NARRATIVAS	53
5.1	ANÁLISE POR CATEGORIAS	55
5.1.1	Categoria Trabalho	55
5.1.3	Categoria Religião	59
5.1.5	Categoria Vida doméstica	62
5.2	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	64
6	CONCLUSÃO.....	699
	REFERÊNCIAS	72
	APÊNDICE	75
	APÊNDICE A- CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS.....	76

1 INTRODUÇÃO

A valorização das memórias, em especial dos idosos, torna-se essencial para perpetuação da história, e porque não dizer, da cultura. E é justamente este, o foco desta pesquisa: compreender se as ações educativas do MALPI, possibilitam a visibilidade e valorização da memória social do público idoso. Nesta concepção, a memória é reativada por meio das ações educativas promovidas pelo MALPI.

Bosi (1994) deixa claro que a memória permite a relação do corpo presente com o passado ao mesmo tempo, interfere no processo real das representações atuais e que fazem parte do psiquismo.

Traçar caminhos para entender como e de que forma o MALPI possibilita esta relação presente e passado, foi um dos propósitos desta pesquisa. Por trabalhar há 27 anos na Fundação Educacional Barriga Verde, acabei conhecendo a estrutura de suas mantidas, ou seja, todas as outras instituições pertencentes a Febave, dentre elas a do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel (MALPI). Questões relacionadas à educação e preservação do patrimônio cultural sempre fizeram parte do projeto de atuação da Febave. Algo que sempre me inquietou era entender de que forma todos aqueles vestígios de um passado tão recente, que foram organizados dentro do museu, contribuíam para a aprendizagem de visitantes, ou seja, que relações os visitantes estabeleciam com o acervo organizado e preservado naquele espaço? Como a criança, o jovem, o idoso se percebem dentro do Museu? Que memórias e lembranças são revividas?

Com leituras realizadas na área dos estudos culturais, na linha de pesquisa Linguagem e Cultura, foi possível refletir sobre como os “trecos” (MULLER, 2013) que nos pertencem e pertencem a outros acabam tendo representatividade na história local.

Benchetrit (2008) pontua que, inseridos no universo que trata da cultura material, incorporando aos seus acervos produtos aos quais são atribuídas qualidades especiais, os museus preservam e transmitem a capacidade criativa e os conhecimentos da humanidade. Artefatos reunidos e preservados nos museus constituem coleções de documentos que trazem informações sobre saberes de tempos próximos e remotos, gerando um sistema de referências que possibilitam conhecer e interpretar o momento histórico em que são produzidos, incitando a imaginação e os sentidos.

Pelegriini (2006), entende o patrimônio cultural como *locus* privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade. Cada peça existente no museu possui

memória e identidade cultural. Portanto memória, identidade e patrimônio cultural estão intimamente relacionados.

Assmann (2011) retrata a importância da recordação para os projetos de construção da identidade. Traz como representação da memória os espaços honoríficos em que uma determinada história não seguiu adiante, mas foi interrompida de modo mais ou menos violento.

Neste sentido, podemos dizer que o museu é um lugar de recordação e memória. Todavia, para que se perpetue e se mantenha válido tudo o que está no museu, é preciso que se continue a narrar a história ali presente. Afinal os objetos materiais tornam-se elementos de narrativas e, com isso, referência para nova memória cultural.

O MALPI, localizado no município de Orleans, é um exemplo deste tipo de ambiente, partindo da concepção que este lugar honorífico é o que sobra do que não existe mais ou não vale mais. A ideia de descontinuidade está presente uma vez que fica evidente a diferença entre passado e presente. Precisava-se encontrar uma forma de salvar e preservar a cultura que os colonizadores italianos implantaram na região, envolvendo a maquinaria e suas técnicas de uso, bem como o seu saber ancestral sobre como lidar com esses instrumentos. O desejo de construir um espaço que salvaguardasse todas as “coisas, trecos e troços” (MULLER, 2013) presente na cultura local fica maior após a enchente de 1974, quando, em virtude dessa catástrofe ambiental, ocorreu o enfraquecimento das indústrias artesanais, onde uma grande parte foi destruída pela força das águas.

Assim surgiu o MALPI, com a intenção de ser um local em que o patrimônio cultural local ficasse protegido. Com o passar do tempo, muitas estratégias foram construídas para a difusão desse patrimônio. Atualmente, o foco recai sobre a metodologia da educação patrimonial, que se manifesta por meio de processos educativos promovidos pelos museus de maneira geral, contribuindo fortemente para a visibilidade e revitalização da história local e regional.

Todas as “coisas” que não são preservadas se perdem no esquecimento. E o que são as “coisas”? São tantas coisas. São tantos “trecos”. Muller (2013) afirma que a palavra cultura nos diz que as sociedades elaboram o que são e o que fazem de muitas maneiras. Pelo parentesco, pelo ritual e também pelos objetos. Ao passo que os homens produzem “coisas”, por meio do trabalho, frente às suas necessidades e de outros, os “trecos”, por sua vez, constroem e reconstroem os homens.

Os objetos, os “trecos” estão intimamente ligados aos relacionamentos humanos. Que lembranças, memórias são possíveis de serem reavivadas a partir de uma visita no MALPI?

A cultura de um povo, neste caso dos colonizadores e seus descendentes, traduzem o conhecimento acumulado num processo de aprendizado entre as pessoas e que precisa ser transmitido para as novas gerações. Os imigrantes europeus que chegaram nas terras do sul do Brasil, estabeleceram trocas culturais importantes, inclusive com os indígenas que habitavam o território, resultando em toda a história construída ao longo do tempo.

Afinal, os trechos existentes no Museu não são um amontoado de coisas sem sentido, mas segundo Muller (2013), as coisas têm sentido em si próprias e na relação com as outras coisas, incluindo as pessoas.

Conhecer todas as coisas existentes no MALPI é entender o modo de vida dos colonizadores no sul do Brasil, permitindo encontrar pistas do cotidiano doméstico, da prática religiosa, neste caso da religiosidade católica, como também indicações do contato e disputas com outros povos. Entender a engenharia das máquinas é compreender como funcionava a economia local, diante das tecnologias possíveis.

Perceber o espaço do museu, com seus “trechos, troços e coisas” como um espaço de memória é fundamental para compreender a cultura local. E como o público alvo desta pesquisa é o idoso, buscamos junto a eles, as lembranças, as tradições, os contos que foram essenciais na construção deste trabalho.

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: eles já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas[...] (BOSI, 1994, p.60).

Toda consciência do passado está fundada na memória. Por meio das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado (LOWENTHAL, 1998, p. 75, apud DELGADO, 2006, p. 37).

Possibilitar ao idoso relatar esse passado experienciado, torna-se fundamental nesta pesquisa, que partiu da análise das narrativas a respeito da vida dos colonizadores, bem como da participação destes idosos na construção da história local.

Sendo assim, estabelecemos como objetivo geral da pesquisa: compreender se as ações educativas do MALPI possibilitam a visibilidade e valorização da memória social do público idoso. Como objetivos específicos enumeram-se: a) Avaliar a trajetória institucional do MALPI e sua integração com a comunidade local; b) Identificar as ações educativas do MALPI nos últimos cinco anos; c) Destacar as ações educativas realizadas para o público idoso; d) Analisar

o conceito de memória social com base nas teorias dos estudos culturais; e) Utilizar a metodologia da História Oral para identificar a memória social do público idoso que frequenta as atividades educativas do museu.

A metodologia utilizada, para alcançar os objetivos propostos na pesquisa é a da História Oral, no recorte das Entrevistas Temáticas, cujas narrativas foram avaliadas na perspectiva qualitativa. Além disso, realizou-se pesquisa documental e bibliográfica a fim de aprofundar o assunto pesquisado.

A pesquisa encontra-se dividida em seis capítulos. No primeiro, introdutório, o leitor encontra a justificativa da pesquisa, bem como os objetivos alcançados, situando-o dentro da proposta apresentada. No segundo capítulo é apresentada uma discussão teórica sobre os conceitos que tratam da memória social; dos museus como lugar de memória, tendo a cultura material como elemento principal. Os autores Jaques Le Goff, Lucilla de Almeida Neves Delgado, Pierre Nora, Ecléia Bosi, Aleida Assmann, Paul Ricoeur, entre outros sustentaram a discussão. No terceiro capítulo, também são apresentadas discussões teóricas, enfatizando o surgimento dos museus, em especial do MALPI. Consta o histórico de criação bem como os espaços que compõem o Museu ao Ar Livre Princesa Isabel. Também se fez necessária a abordagem com relação à educação não formal e educação patrimonial, entendendo o Museu ao Ar Livre como lugar de memória social. Finalizando esse capítulo foram apresentadas algumas ações educativas desenvolvidas no Museu ao Ar Livre Princesa Isabel, com destaque às direcionadas para o público idoso. Neste capítulo foram apresentadas teorias e conceitos de Marlene Suano, João Leonir Dall'Alba, Pierre Nora, Andréia Falcão, Maria de Lourdes Parreiras Horta, Nestor Garcia Canclini. No quarto capítulo é realizada a transcrição e a análise das narrativas obtidas por meio das entrevistas temáticas aplicadas com o público idoso. Foram seguidas as etapas que apresentadas no capítulo da metodologia, e após sua finalização construiu-se evidências e correlações a partir de análises comparativas com o objeto da pesquisa. No quinto capítulo está a discussão dos resultados obtidos, partindo das ações educativas direcionadas ao público idoso bem como das entrevistas temáticas realizadas com o público idoso, constatando que as propostas atendem ao objeto da pesquisa. No último capítulo, o da conclusão, fez-se necessário o entrecruzamento dos dados da análise com a perspectiva teórica estudada durante toda a pesquisa, entendendo quais considerações foram elaboradas a partir da pesquisa realizada.

2 MEMÓRIA SOCIAL: MUSEU COMO LUGAR DE MEMÓRIA

O termo “museu” teve sua origem na Grécia antiga, com o significado de “casa das musas”. Seu objetivo era ser um local voltado à busca pelo saber filosófico, um espaço de pesquisas e de arte. Desse modo, a existência de obras de arte ganhava conotação de adoração (SUANO, 1986).

De acordo com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

A guarda de objetos atravessou sociedades e épocas, visto que a humanidade sempre colecionou objetos e os significados para isso foram os mais diversos. Mas foi no século XVII que nasceram os museus com objetivo de transmitir informações a respeito de assuntos diversos. Suano (1986) retrata que a formação de coleções é tão antiga quanto o homem, guardando significados e mostrando a realidade histórica de onde foi formada e principalmente, de quem a transformou em coleção.

Foram construídos diversos museus como o de Louvre, em Paris na França, considerado o maior museu de arte do mundo. Outro exemplo seria o Museu de Alexandria, no Egito, inaugurado em 2003, narrando a história de Alexandria ao longo dos tempos, incluindo a era faraônica. E tantos outros que, de alguma forma, preservam a cultura de uma época.

Os museus se diferenciam quanto ao seu acervo bem como sua organização. Em uma perspectiva mais atual, pode-se falar de museu histórico, de arte, de ciência, os temáticos, os ecomuseus, dentre outros. Independente do acervo que o identifica, bem como sua organização, em espaços fechados ou ao ar livre, terão sempre a finalidade de mostrar uma realidade histórica com base em fatos relevantes.

Um museu ao ar livre possui características diferentes quanto à organização de seu acervo, principalmente no que tange à localização. Poulot (2013), deixa claro que o museu ao ar livre constituiu a inovação mais original na virada dos séculos XIX-XX.

Assim, abre-se em 1891 o primeiro Museu ao Ar Livre, em Skansen, aldeia de oficinas e atividades tradicionais, cuja animação é confiada a guias e

demonstrações folclóricas. [...] Trata-se de coletar os espécimes da arquitetura peculiar de cada nação, além de animá-los através da reconstituição da vida social. (POULOT, 2013, p. 53)

Skansen, situado na ilha de Djurgården, em Estocolmo, é considerado um exemplo, pois é um museu ao ar livre que inclui um jardim zoológico. Foi fundado em 1891 por Artur Hazelius com o objetivo de mostrar o modo de vida na Suécia durante os últimos séculos. O museu apresenta também uma reprodução de uma pequena cidade com as oficinas dos artesãos que trabalhavam o couro, a prata e o vidro. No parque do museu que se estende sobre uma área de 300 000 m², encontra-se um extenso jardim zoológico que mostra uma grande variedade de espécies animais da Escandinávia e alguns mais exóticos, de outros lugares do mundo.

O processo de criação do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel- MALPI em Orleans, possui muitas semelhanças com o processo de criação do museu Skansen. Dois aspectos podem ser destacados: uma cultura à beira do desaparecimento em virtude do processo de industrialização e um estudioso dedicado à cultura local, alguém preocupado com a preservação da cultura.

Antes considerados apenas como simples depósito de velhos materiais, os museus hoje são tidos como locais de cultura material e imaterial. E mais do que nunca, os museus são lugares de memória.

A transição da memória corporal para a memória dos lugares é assegurada por atos tão importantes como orientar-se, deslocar-se, e, acima de tudo, habitar. [...] Assim, as “coisas” lembradas são intrinsicamente associadas a lugares. [...] Os lugares “permanecem” como inscrições, monumentos, potencialmente como documentos. (RICOEUR, 2007, pag. 57, 58)

Os objetos formadores de seus acervos e as exposições realizadas favorecem a construção social da memória. Como a memória não está nas coisas, mas na relação que com elas se pode manter, é sempre possível uma nova leitura, uma nova audição ou a percepção de um novo aroma ali... entre as flores do esquecimento (CHAGAS, 2003, p. 170).

No mundo contemporâneo muito se tem escrito e discutido sobre a faculdade humana de relembrar e rememorar. Entre os diferentes tipos de memória identificados por filósofos e historiadores, cabe destacar a memória social ou histórica que, de acordo com Marilena Chauí (1995, p. 129), “é fixada por uma sociedade através de mitos fundadores, de relatos, registros, depoimentos, testemunhos. São as vozes da memória expressa por diferentes tipos de registros como: narrativas, filmes, fotografias, telas, esculturas, imagens, livros” [...] (DELGADO, 2006, p. 47)

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...] (LE GOFF, 2003, p. 410). Todos de alguma forma, buscam em suas memórias, lembranças significativas de um passado experienciado.

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 2003, p. 410).

Pode-se entender a cultura de cada grupo por meio da memória que ele constrói e revive em suas histórias, recriando seus espaços geográficos e temporais. Por meio de relatos de experiências familiares, de crônicas que registraram o cotidiano, de tradições, de histórias contadas através de gerações e de inúmeras formas de narrativas, construindo a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se o tempo presente, e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nesta dinâmica, memórias individuais e coletivas encontram-se, fundem-se e se constituem como possíveis fontes para a produção de conhecimento histórico (DELGADO, 2006, p. 41).

Para Ribeiro (2004), a memória é evocação do passado, o tempo que ficou perdido e não voltará mais. A lembrança e o esquecimento são componentes da memória, um não existe sem o outro, no processo de atualização do passado, quando evocado. É a memória que nos dá a sensação de pertencimento e existência, daí a importância dos lugares de memória para as sociedades humanas e para o indivíduo.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivo, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notarial, atas. [...] Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade (NORA, 1993, p. 13).

Entende-se desta forma que um Museu torna-se espaço de estímulo às lembranças e às memórias. Neste caso, o MALPI apresenta-se como um lugar de memória, possibilitando ao público idoso as lembranças de suas experiências.

2.1 O MUSEU COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Existem diversas formas do indivíduo se apropriar do conhecimento, ou seja, aprender. No que diz respeito à forma de ensino aprendizagem, a educação fica dividida em três categorias:

Educação escolar ou formal, aquela desenvolvida nas escolas; educação informal, aquela que decorre de processos naturais e espontâneos, transmitida pela família e demais espaços sociais; e educação não formal, aquelas práticas educativas estruturadas que ocorrem fora da instituição escolar (FALCÃO, 2009, p. 15).

O museu caracteriza-se como um espaço de educação não formal e, por meio das ações educativas, estabelece tentativas no sentido de que o conhecimento ali representado, se perpetue. Pode se constituir em um espaço educativo, mas não desenvolve educação formal.

Desde o final do século XIX, a percepção de que os museus desempenhavam uma atividade educativa foi se ampliando, obrigando essas instituições a criarem departamentos específicos chamados de ação educativa (ALMEIDA, 2004).

No Brasil, com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, em 13 de janeiro de 1937, a questão de valorização do patrimônio ganha força, tendo como uma das iniciativas as ações educativas desenvolvidas.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN manifestou em documentos, iniciativas e projetos a importância da realização de ações educativas como estratégia de proteção e preservação do patrimônio, instaurando um campo de discussões teóricas, conceituais e metodológicas de atuação que se encontram na base das atuais políticas públicas de estado a área. (IPHAN, 2014, p. 7)

Neste olhar, direciona-se a educação patrimonial para a além da ação de preservar, mas sim difundir, socializar, refletir sobre, estabelecer conexões entre passado e presente. As ações educativas permeiam espaços de aprendizagem, acentuando a necessidade de ampliação de conhecimentos a partir da aquisição cultural.

O sentido dos museus para Mário de Andrade”, como explica Mário Chagas, “está na compreensão desses espaços como agência educativa, como veículos de participação da coletividade e como área de convergência de esforços da sociedade civil e dos governos” (CHAGAS, 2006, p. 98).

Atualmente, a CEDUC, Coordenação de Educação Patrimonial, defende que a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como

foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. (IPHAN, 2014, p. 21)

É necessário compreender o patrimônio cultural como um tema transversal, isto é, que atravessa espaços, épocas, recebendo a colaboração de diversos lugares, públicos, comunitários, privados, afim de transformá-los em espaço formativo.

Por meio das ações educativas, os museus têm a possibilidade de desenvolver a educação para o patrimônio cultural, conhecida como Educação Patrimonial.

O trabalho da Educação Patrimonial busca levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-o para um melhor usufruto deste bens, e propiciando a geração de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA, 1999, p. 6).

As mudanças teórico-metodológicas nas ciências humanas e o compromisso da educação escolar com o tempo presente, levam à necessidade de planejamento de ações promotoras de uma educação patrimonial.

O patrimônio não inclui apenas a herança de cada povo, as expressões “mortas” de sua cultura, sítios arqueológicos, arquitetura colonial, antigos objetos em desuso, mas também, os bens culturais visíveis e invisíveis; novos artefatos, língua, conhecimentos, documentação e comunicação do que se considera apropriado através das indústrias culturais (CANCLINI, 1994, p. 96).

O museu está repleto de cultura material e imaterial. É necessário que todo este acervo cultural seja conhecido e acessado por muitas pessoas. É a possibilidade concreta de conexão com o passado, com o vivido. Assim, como espaço de memória, o museu torna-se também um condutor do conhecimento, por meio de atividades educativas que são contínuas e efetivamente ofertadas à comunidade.

3 A CRIAÇÃO DO MUSEU AO AR LIVRE PRINCESA ISABEL (MALPI) – RECONSTRUINDO MEMÓRIAS

O presente capítulo faz referência a criação do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel, localizado no município de Orleans, SC, mostrando as transformações ocorridas ao longo do tempo de sua existência, bem como as ações educativas desenvolvidas, com ênfase às que foram direcionadas ao público idoso.

3.1 HISTÓRICO DO MUSEU AO AR LIVRE ORLEANS X MUSEU AO AR LIVRE PRINCESA ISABEL

No final do século XIX, imigrantes europeus, sendo a sua maioria italianos, vieram para a região de Orleans, Santa Catarina. Conforme Dall’Alba (1983, p. 13), “no sul do estado, no triângulo entre Rio Braço do Norte ao norte, o rio Araranguá ao sul e a Serra a oeste, encontra-se a parte colonizada em que prevalece o elemento italiano”.

A colonização desse local foi estimulada pela empresa de colonização Grão Pará, pertencente à Princesa Isabel e ao Conde d’Eu e foi a partir de toda a história da colonização que o padre João Leonir Dall’Alba¹ iniciou suas pesquisas e seus registros.

Segundo Dall’Alba,

Descendo pela ferrovia para os lados de Laguna, a 14 km de Minas², encontra-se a estação de Orleans e a sede da colônia Grão Pará, sede que foi para lá transportada em 1888, estando antes em Grão Pará. A população desta colônia é de 3.300 habitantes de diversas nacionalidades, predominando entre elas a italiana com 1.300 colonos. (DALL’ALBA, 1983, p. 37)

A esperança de uma vida melhor em terras brasileiras trouxe dificuldades, angústias, porém possibilidades de avanços significativos para o desenvolvimento local. Colonizar um espaço desconhecido e formar vilas e propriedades agrícolas produtivas, com certeza não foi

¹ Padre João Leonir foi da congregação dos padres Josefinos de Murialdo, diretor do Seminário São José de Orleans, fundador da Fundação Educacional Barriga Verde, FEBAVE, do Museu da Imigração Conde d’Eu e do Museu ao Ar Livre de Orleans. Muitos livros de sua autoria contam a história da imigração de Santa Catarina, os títulos que se destacam são: Pioneiros nas Terras dos Condes, o Vale do Braço do Norte, Laguna antes de 1880, dentre outros.

² A expressão Minas refere-se a cidade de Lauro Muller – SC.

tarefa fácil. O que dispunham eram de instrumentos bem rudimentares como facão, machado, foice, enxada e algumas sementes para plantar. E o que fazer com o resultado das primeiras colheitas? Como beneficiar milho, mandioca? Diante da necessidade, os colonos utilizaram tecnologias apropriadas para dar continuidade ao processo produtivo e a sua subsistência. Souza, (2002), deixa claro que isso forçou os colonos na busca de alternativas.

Esta é uma parte da história que não pode se perder no tempo. E foi com esse pensamento que o Padre João Leonir Dall’Alba se sentiu motivado a buscar parcerias na construção do Museu ao Ar Livre de Orleans, que seria uma forma de manter viva a história dos colonizadores, além dos registros escritos, o que, de fato, se concretizou.

Como todo projeto exige pesquisas, parcerias e apoio, os organizadores do Museu iniciaram a busca por pessoas que se envolvessem e acreditassem nessa importante iniciativa.

A criação do museu foi estimulada pelas observações e considerações do padre João Leonir Dall’Alba e pelas contribuições externas. Segundo relatório do próprio Padre João (1979), em 1970 foi criado o Museu da Imigração Conde D’Eu, onde foi possível agrupar uma grande quantidade de peças significativas tanto dos povos indígenas, quanto dos colonizadores. Vale ressaltar que este museu permanece até hoje com esta nomenclatura. Foi construído um prédio próprio em 1974 para preservação de todo este material, sendo que, no mesmo ano, fez-se um projeto de ampliação, visando, segundo Relatório da Construção do Museu (1979), implantar nas cercanias do primeiro prédio, um parque de “Indústrias familiares dos Imigrantes”. O projeto ganhou forma e se fortaleceu logo após a enchente de março de 1974 em que centenas de pequenas indústrias artesanais foram destruídas, o que gerou uma preocupação ainda maior em se guardar pelo menos um exemplar de cada maquinário. Naquele momento fazia-se necessário garantir que as gerações futuras conhecessem o resultado do esforço destes colonizadores. Portanto, segundo Souza, (2002), a implantação de um museu seria a garantia de que parte dessa história fosse preservada e, com ela, parte expressiva da cultura e da memória social da região.

Após o projeto pronto precisava-se de sua aprovação. Por isso, o documento foi enviado para o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC) para avaliação, sendo que em julho de 1977, dois técnicos do CNRC vieram para conhecer a realidade e viabilidade do projeto. Após esta avaliação, o órgão, dirigido pelo prof. Aloisio Magalhães, aprovou o projeto. O professor Aluísio Magalhães assim descreveu o museu:

[...] Uma pequena cidade do sul de Santa Catarina, uma curiosa experiência: o Museu de Tecnologia Patrimonial. Nessa região os imigrantes europeus trouxeram uma série de equipamentos de produção

de farinha de mandioca, de beneficiamento de milho, serraria, carpintaria, tudo movido a roda d'água. Todas as peças, todas as engrenagens são de madeira. E elas existem ainda, perfeitamente úteis e suficientes nesta área de Santa Catarina. [...] Lá elas estão todas reunidas e em funcionamento. A própria comunidade é quem toma conta. [...] De forma que está lá em Orleans este exemplo curioso, maravilhoso, de uma espécie de Disneylândia da verdade, onde as coisas funcionam para o uso da comunidade, um grande, maravilhoso brinquedo, cujo resultado é a própria substância de vida da comunidade. (MAGALHÃES, 1985, p. 225 apud PORTELA, 2001, p. 58)

No início foram feitos convênios com o CNRC, UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Prefeitura Municipal de Orleans e Instituto São José. Por fim, fizeram parte efetivamente do projeto, o CNRC, a Prefeitura Municipal de Orleans e a Fundação Educacional Barriga Verde. Segundo Dall'Alba (1979), muitas peças foram compradas a preço bem razoáveis e outras doadas pelas famílias colonizadoras. O projeto inicial “Indústrias familiares dos Imigrantes” seria o primeiro Museu ao Ar Livre da América do Sul.

Conforme Souza (2002), para organizar as peças no Museu foi contratado o senhor Altino Benedet, que possuía conhecimento na área, uma vez que era o responsável pela montagem de muitas indústrias da região, inclusive atendendo pessoas do oeste de Santa Catarina.

No dia 30 de agosto de 1980, o Museu ao Ar de Orleans foi inaugurado. Souza (2002), deixou claro que Orleans e a região como um todo passaram a ter uma instituição museológica que difundia a cultura de forma efetiva e diferente, pois a proposta saía dos padrões de exposições em salas fechadas. O MALO, Museu ao Ar Livre de Orleans, apresentava a cultura viva, latente em que o visitante poderia interagir com o acervo, respirar o ar do passado, tocar nas paredes feitas a facão, enfim, refazermos o passado a partir do presente por meio da resignificação.

Figura 1 - Vista aérea do Museu ao Ar Livre – 1980



Fonte: Acervo do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel

Em 2011, por determinação do Conselho Diretor da Fundação Educacional Barriga Verde- FEBAVE, o Museu ao Ar Livre de Orleans (MALO) passou a ser denominado Museu ao Ar Livre Princesa Isabel (MALPI), como instituição de preservação e valorização do patrimônio cultural, conforme Resolução nº 001/2011.

O Museu ao Ar Livre Princesa Isabel (MALPI) ocupa atualmente uma área de 20.000 m² (vinte mil metros quadrados) e é composto por 14 (catorze) unidades, algumas subdividas.

Figura 2: Vista do açude do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel - 2017



Fonte: Acervo fotográfico do Museu ao Ar Livre

Figura 3: Mapa do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel



Fonte: Guia de visitação Museu ao Ar Livre Princesa Isabel - 2017

- 1- Capela/Salão da Capela: Espaço que destaca a fé dos imigrantes. Construída em madeira, a Capela representa como eram os primeiros espaços religiosos vinculados a religião católica na região.
- 2- Engenho de Farinha: Abriga equipamentos (tanto manuais como movidos à força animal) usados nos processos de beneficiamento da raiz de mandioca, para a produção da farinha, polvilho e goma.
- 3- Estrebaria: Local onde ficavam os bezerros e vacas para ordenha. Com o leite retirado era produzido queijo, manteiga e puína.
- 4- Casa do colono: Construção em madeira encontrada na região da colonização. Separada da casa, está a cozinha de chão batido e a área de serviços domésticos.
- 5- Cantina: Espaço para guarda de alimentos e fabricação de vinho. Encontram-se prensas para torresmo, queijos e equipamentos para vinicultura.
- 6- Meios de transporte: Exposição de equipamentos utilizados no transporte de pessoas e produtos durante o período da colonização e instrumentos utilizados na preparação da terra.
- 7- Olaria: Local onde eram fabricados os tijolos, telhas, utensílios para cozinha e de ornamentação.
- 8- Engenho de cana de açúcar: espaço utilizado para esmagar a cana e para produção de rapadura, garapa, açúcar, melado e cachaça.

- 9- Serraria: Movida por turbina hidráulica, cortava a madeira em tábuas ou em pranchas.
- 10- Oficinas artesanais/Marcenaria (térreo): Equipamentos de tecelagem, carpintaria e sapataria manual. Na marcenaria encontram-se máquinas utilizadas durante o beneficiamento da madeira.
- 11- Monjolo: Equipamento usado para descascar arroz por meio do impacto fornecido pela força d'água.
- 12- Ferrarias: Espaço com equipamentos e ferramentas manuais e movidas pela roda d'água, usados na transformação do ferro.
- 13- Atafona: equipamentos manuais e hidráulicos utilizados no beneficiamento de cereais, como a farinha de milho.
- 14- Balsa: equipamento que faz a travessia do açude localizado dentro do Museu.

A distribuição das peças no Museu demonstra a preocupação dos organizadores em buscar elementos representativos da cultura e história local. Os itens listados acima, trazem à tona elementos da memória dos velhos que frequentam o Museu, possibilitando a construção daquele passado por meio das narrativas.

3.2 AÇÕES EDUCATIVAS DO MALPI

Neste item são apresentadas algumas ações educativas desenvolvidas no MALPI, de 2013 a 2017. Foram selecionadas cinco ações educativas para cada ano pesquisado, não se considerando nesse momento o objeto em estudo, a memória social do idoso. Optou-se inicialmente por fazer o levantamento de todo tipo de atividade realizada no museu para, só depois, focar nas atividades que atendessem ao público idoso da região. Não se pretende valorizar uma ação em detrimento a outra, mas sim apresentá-las do geral para o específico. Na sequência, apresentamos um histórico de cada ação educativa realizada nos períodos pesquisados, sendo que ao final de cada um deles, se organizou um quadro síntese, para melhor entendimento dos projetos.

3.2.1 Ações educativas em 2013

- a) **Projeto 11ª Semana dos Museus:** Esse projeto teve como tema a evolução dos suportes da escrita que abordou questões sobre comunicação e a importância da escrita para o desenvolvimento das civilizações. Explica e apresenta o que é um suporte e mostra alguns dos mais usados ao longo da história, através de imagens ou réplicas. Da arte rupestre a invenção do papel, da imprensa, a máquina de escrever. O público alvo foram as Escolas de Educação Básica e os Cursos de Graduação do Centro Universitário Barriga Verde – Unibave.

Figuras 4 e 5: Ação educativa 11ª Semana dos Museus

Figura 4



Figura 5



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

- b) **7ª Primavera dos Museus (Programação do IBRAM):** Esse projeto teve como tema “Museus, memória e cultura”. Como parte da programação aconteceram apresentações de Capoeira, pelos alunos do ProArte de Orleans, exposição temática com máscaras, desenhos e bonecas, representando a contribuição da mulher negra na cultura afro-brasileira. O público alvo foram as escolas de Educação Básica e os curso de Graduação do Unibave.

Figuras 6 e 7: Ação educativa 7ª Primavera dos Museus

Figura 6

Figura 7



Fonte: Acervo fotográfico do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel

c) Projeto Semana da Cultura Indígena: Esse projeto serviu como uma complementação para o trabalho docente, pois no museu os alunos têm a oportunidade de estar em contato com alguns objetos que pertenceram aos índios que habitaram nossa região. A temática foram as habitações indígenas. Um modelo de casa subterrânea foi construído no espaço do Museu para demonstrar como os grupos Jê viviam nessas casas. Também uma atividade prática envolvendo a casa subterrânea foi realizada com as crianças. O público alvo foram os alunos das escolas de Educação Básica.

Figuras 8 e 9: Ação educativa Cultura indígena

Figura 8



Figura 9



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

d) Projeto Centenário de Orleans. Nesse projeto a temática foi o aniversário da cidade, que comemorava 100 anos de emancipação político administrativa. Como proposta foi realizada uma encenação dentro do espaço do Museu ao Ar Livre em que as personagens representavam os colonos na época da colonização, desenvolvendo suas atividades. Cada visitante tinha que carimbar seu passaporte, tendo o direito de fazer esta viagem no túnel do tempo. O público alvo dessa atividade foram os alunos da Escola Barriga Verde.

Figuras 10 e 11: Ação educativa do Centenário de Orleans

Figura 10

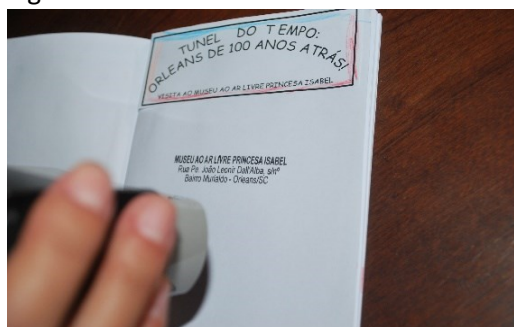


Figura 11



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

- e) **Exposição Carro de Boi:** Revitalizando a história dos colonizadores, foi realizada a exposição carro de boi. O objetivo era mostrar aos visitantes a importância do carro de boi para as atividades do campo. Conhecer a canga que era colocada nos bois, o balaio para carregar coisas, entre outros. O público alvo foram os alunos das escolas de Educação Básica, sendo que a exposição também ficou aberta ao público em geral, para visitação.

Figuras 12 e 13: Ação educativa Exposição Carro de Boi

Figura 12



Figura 13



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

Quadro 1: Síntese das ações educativas 2013

Projeto	Atividade	Público Alvo
11ª Semana dos Museus	A evolução dos suportes da escrita	Escolas de Educação Básica, Cursos de Graduação Unibave
7ª Primavera dos Museus	Museus, memória e cultura afro-brasileira	Escolas de Educação Básica e Unibave
Semana da Cultura Indígena	Casas subterrâneas	Escolas de Educação Básica
Exposição Carro de Boi	Utilidade do carro de boi e montagem em forma de jogo	Escolas de Educação Básica
Brincadeiras Antigas	EBV	Escola Barriga Verde
Centenário de Orleans	Passaporte para o túnel do tempo	Escolas de Educação Básica (1º ao 5º ano)

Fonte: Informações Museu ao Ar Livre Princesa Isabel

3.2.2 Ações Educativas 2014

a) 12ª semana de Museus: a ação educativa teve como foco uma exposição sobre coleção numismática como uma aprendizagem ativa. Fizeram parte as espécies denominadas: réis, mil réis, conto de réis, cruzeiro, cruzeiro novo, cruzeiro, cruzeiro real, real (1994). O público alvo foram as escolas de Educação Básica, sendo que outros visitantes também acompanharam a exposição.

Figuras 14 e 15: **Ação Educativa 12ª semana de museus**

Figura 14



Figura 15



Fonte Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

b) Projeto Café com histórias: Nessa ação educativa foi realizada a visita mediada nas unidades do Museu, promovendo a interação com o público. Como objetivo principal tinha-se a valorização da memória dos idosos por meio do acervo (História oral). Na sequência foi servido um café colonial dentro da casa do colono. Foram realizadas perguntas como: Conhecimento sobre Colônia Grão Pará, quais as suas descendências, estrada de ferro, enchente de 1974, construção do Museu se alguém participou, alguém trabalhou com engenho, ferraria, marcenaria, o café está parecido com os de antigamente, como utilizavam o chá, como eram os canteiros, onde plantavam, como era organizado, quem ainda cultiva. O público alvo desta atividade foram os idosos do Centro de convivência Emília Debiasi Pinter de Orleans.

Figuras 16 e 17: Ação educativa Café com história

Figura 16



Figura 17



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

c) Projeto Dia da Criança: Esse projeto buscou proporcionar as crianças do Centro de Educação Infantil Social Othília Debiasi um dia de lazer e cultura no Museu ao Ar Livre

Princesa Isabel em comemoração ao Dia da Criança. Foram realizadas diversas atividades, entre elas, a visita monitorada nas unidades do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel, atividades recreativas e lanche entre amigos.

Figuras 18 e 19: Ação educativa- Dia da Criança

Figura 18



Figura 19



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

d) Semana da Cultura Indígena: Essa ação educativa teve como objetivo promover possibilidades para que os alunos do ensino básico e superior tivessem conhecimento da história e cultura afro-brasileira e indígena, de acordo como o que indica o artigo 26-A da Lei nº 9394/96. Foi realizada uma palestra com o índio Leonardo Werá Tupã da tribo Guarani, abordando a cultura indígena com apresentação de objetos e troca de experiências com os participantes. Teve como público os alunos das escolas de Educação Básica e do Unibave.

Figuras 20 e 21: Ação educativa Semana da Cultura Indígena

Figura 20



Figura 21



Fonte: Acervo fotográfico do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel

d) Projeto Fazendo papel reciclado: Esta ação educativa foi realizada para atender uma necessidade da Escola Barriga Verde, dentro de uma proposta pedagógica. Conhecer como se pode fazer o papel reciclado se torna importante, partindo da premissa de sustentabilidade. O público alvo foram os alunos do 3º ano da Escola Barriga Verde.

Figuras 22 e 23: Ação educativa: Fazendo papel reciclado

Figura 22



Figura 23



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

Quadro 2: Síntese das ações educativas 2014

Projeto	Descrição da Atividade	Público envolvido
12ª semana de Museus	Exposição: coleções: uma aprendizagem ativa- Coleção numismática	Público em Geral
Café com histórias	Integração e troca de experiências por meio do acervo do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel de Orleans, visando à socialização do conhecimento dos costumes e das tradições desses idosos.	Idosos do Centro de Convivência Emília Debiasi Pinter - Orleans
Dia da Criança	Atividades Recreativas	Centro de Educação Infantil Othilia Debiasi
Semana da Cultura Indígena	Palestra com a participação do Índio Leonardo Werá Tupã da Etnia Guarani – FUNAI de Palhoça	Escolas de Educação Básica - ensino Superior – Unibave
Fazendo Papel Reciclado	Atividade prática de produção do papel	Escola Barriga Verde

Fonte: Informações Museu ao Ar Livre Princesa Isabel

3.2.3 –Ações educativas 2015

- a) **Projeto No quintal da casa do colono:** A referida ação educativa enfatizou a necessidade de uma alimentação saudável, por meio da observação das plantas cultivadas no quintal da casa do colono, sua forma de cultivo sem o uso do agrotóxico. Foram feitas conexões com o passado, pois antigamente toda casa tinha um quintal para produção de alimentos. O público alvo foram os alunos das escolas de Educação Básica.

Figuras 24 e 25: Ação educativa No quintal da casa do colono

Figura 24



Figura 25



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

- b) **8ª Primavera de Museus:** O projeto Impressões da Natureza possibilitou aos alunos o uso da argila e diversas matérias encontradas na natureza (folhas, galhos, sementes...) para deixar representado por meio da arte, as impressões da natureza. O público alvo foram os alunos das escolas de Educação Básica.

Figuras 26 e 27: Ação educativa 8ª Primavera de Museus

Figura 26



Figura 27



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

- c) **Projeto Brincadeiras Antigas:** A ação educativa levou para os alunos a brincadeira das cinco marias, muito utilizada pelas crianças antigamente. A atividade aconteceu no momento do recreio dos alunos da escola Barriga Verde, como proposta de integração e divertimento.

Figuras 28 e 29: Ação educativa Brincadeiras Antigas

Figura 28



Figura 29



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

- d) Projeto UNIVIDA:** O intuito da ação educativa foi reviver o passado histórico e as memórias dos participantes, bem como promover uma integração entre eles. Após a visita, os idosos fizeram a revelação do amigo secreto com objetos produzidos por eles mesmos e após, tomaram um café colonial nas dependências do museu. O Grupo de Dança do Unibave alegrou a turma com uma apresentação de dança natalina. O público alvo foram os idosos.

Figuras 30 e 31: Ação educativa UNIVIDA

Figura 30



Figura 31



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

- e) Semana da Cultura Indígena:** Nesta semana diversas ações foram realizadas: aprendendo na casa subterrânea, oficina de cerâmica, oficina de arte rupestre (usando pigmentos naturais) palestra com Thini-á Fulniô, exposição sobre a contribuição do índio para a agricultura. As atividades estavam direcionadas para os alunos de escolas de Educação Básica bem como acadêmicos do Unibave.

Figuras 32 e 33: Ação educativa Semana da Cultura indígena

Figura 32



Figura 33



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

Quadro 3: Síntese das ações educativas 2015

Projeto	Descrição da Atividade	Público envolvido
No quintal da casa do colono	Explorando a horta e o cultivo de chás – Parceria com o curso de Agronomia e Farmácia – Unibave	Escolas Diversas
8ª Primavera do Museu	Trabalhando com argila e outros materiais da natureza- Impressões da Natureza	Escolas Diversas
Brincadeiras antigas	Realizar o jogo das cinco marias	Escola Barriga Verde
Projeto UNIVIDA	Idosos revivem histórias e memórias – Parceria com os cursos de Pedagogia, Psicologia, Educação Física, enfermagem e Farmácia.	Idosos do Município de Orleans
Semana da Cultura Indígena	Casa Subterrânea	Escolas diversas
	Oficina de Cerâmica	Escolas Diversas/Unibave
	Oficina de Arte Rupestre	Escolas Diversas/Unibave
	Oficina Infantil	Escolas Diversas

	Palestra Thini-á	Escolas Diversas/ Unibave
--	------------------	------------------------------

Fonte: Informações Museu ao Ar Livre Princesa Isabel

3.2.4 Ações Educativas 2016

a) Projeto 9ª Primavera de Museus: Neste projeto foi desenvolvida a oficina de papel reciclado para alunos das escolas de Educação Básica e para o grupo de haitianos participantes do projeto “Haiti sem fronteiras”, com o Centro de referência de assistência social- CRAS de Orleans. Mostrar as etapas de produção do papel reciclado bem como sua possível utilização, foi o principal objetivo dessa ação educativa.

Figuras 34 e 35: Ação educativa 9ª Primavera de Museus

Figura 34



Figura 35



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

b) Projeto Aniversário do Museu ao Ar Livre: Em comemoração ao aniversário do museu foram realizadas as brincadeiras antigas, encenação dentro da casa do colono, mostrando com as coisas funcionavam antigamente e, por fim, foi servido um lanche festivo. As atividades foram direcionadas para os alunos das escolas de Educação Básica.

Figuras 36 e 37: Ação educativa Aniversário do Museu

Figura 36



Figura 37



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

c) Projeto Brincadeiras Antigas: Essa ação educativa envolveu a realização de diversas brincadeiras antigas, dentre elas o pé de lata, telefone sem fio, bilboquê, cinco marias, entre outras. O objetivo foi proporcionar as crianças da Escola Barriga Verde conhecer formas diferentes de brincadeiras, utilizando brinquedos diversos, alguns construídos com materiais reciclados.

Figuras 38 e 39: Ação educativa Brincadeiras antigas

Figura 38



Figura 39



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

c) Projeto Semana Cultural Indígena: Essa ação educativa realizou uma exposição indígena no espaço da biblioteca, com imagens ilustrativas da vida indígena e palestras proferidas pelo índio Thini-á. O público alvo das palestras foram os alunos das escolas de educação básica e do Unibave.

Figuras 40 e 41: Ação educativa Semana da Cultura Indígena

Figura 40



Figura 41



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

- e) **Projeto Moradias Antigas:** Nessa ação o objetivo era estudar os tipos de moradias, proposta pedagógica da Escola Barriga Verde. As atividades aconteceram dentro da casa do colono, conhecendo sua forma de construção e um pouco dos hábitos dos moradores.

Figuras 42 e 43: Ação educativa Moradias Antigas

Figura 42



Figura 43



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

Quadro 3: Síntese das ações educativas 2016

Projeto	Descrição da Atividade	Público envolvido
9ª Primavera dos Museus	Oficina de Papel reciclado Projeto Haiti sem Fronteiras – CRAS	Escolas Diversas Grupo de Haitianos
Aniversário do Museu ao Ar Livre – 36 anos	Brincadeiras antigas	Escolas Diversas
	Encenação Casa do Colono	
	Lanche Festivo	
Brincadeiras Antigas	Pé de lata, telefone sem fio, bilboquê, cinco marias	Escola Barriga Verde
Semana da Cultura Indígena	Exposição Indígena	Público em geral
	Palestra Thini-á	Escolas diversas/ Unibave
Estudando Moradias Antigas	Encenação na Casa do Colono	Escola Barriga Verde

Fonte: Informações Museu ao Ar Livre Princesa Isabel

3.2.5 Ações Educativas 2017

- a) Projeto Luz de Lamparinas: Partindo de uma visita à luz de lamparinas ao Museu ao Ar Livre, as acadêmicas da 3ª fase de Pedagogia foram reportadas ao contexto regional do final do século XIX, a fim de identificar situações do cotidiano vivenciadas pelas pessoas naquela época. O enfoque da visita foi a sensibilização ao “choque cultural” entre imigrantes e indígenas.

Figuras 44 e 45: Ação educativa: Luz de Lamparinas

Figura 44



Figura 45



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

- b) Alimentação na casa do colono:** esse projeto tinha o intuito de conhecer a alimentação dos brasileiros no passado comparando com a atualidade, além de compreender a alimentação como fonte histórica e patrimônio cultural da sociedade. Ao final da visita, os alunos comeram alimentos tradicionais, como o nego deitado e o pinhão na chapa do fogão a lenha. O público alvo da ação foram os alunos do 3º ano da Escola Barriga Verde.

Figuras 46 e 47: Ação educativa Alimentação na casa do colono

Figura 46



Figura 47



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

- c) Semana da Cultura Indígena:** Durante esta semana foram desenvolvidas diferentes atividades, dentre elas a pintura em cerâmica, a Palestra com José Mauro Oruã Kauã da Rosa sobre a Saúde indígena, oficina de cerâmica. O público alvo foram alunos das escolas de educação básica e do Unibave.

Figuras 48 e 49: Ação educativa Semana da Cultura Indígena

Figura 48



Figura 49



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ao Ar Livre Princesa Isabel

d) Piquenique no Museu: Em comemoração ao aniversário de Orleans, (30 de agosto), o MALPI em parceria com o CRAS, realizaram a atividade. Primeiramente os idosos participaram da visita temática, onde em cada espaço do Museu aconteciam encenações de como era na época da colonização. Na casa do colono experimentaram a polenta feita no fogão a lenha, tiravam a água do poço; no engenho de açúcar degustavam a cana, uma vez que não era possível fazer o melado; na serraria observavam a madeira sendo serrada.

Figuras 50 e 51: Piquenique no Museu

Figura 50



Figura 51



[Fonte: Acervo fotográfico da Pesquisadora - 2017]

Quadro 5: Síntese das ações educativas 2017

Projeto	Descrição da Atividade	Público envolvido
Projeto Luz de Lamparinas	Visita no Museu à luz de lamparinas, reportando-se ao contexto do século XIX “Choque de cultura” entre imigrantes e indígenas	Acadêmicas do Curso de Pedagogia Projeto Integrador
Alimentação na casa do colono	Conhecer a alimentação dos brasileiros no passado comparando com a atualidade	Escola o Barriga Verde
Semana Indígena	Pintura em cerâmica Palestra com José Mauro Oruã Kauã da Rosa – Saúde indígena Oficina de cerâmica: Impressão de imagens	Escolas de Educação Básica/ Unibave
Piquenique no Museu	Visita temática, com encenações em todos os espaços do Museu, finalizando com o Piquenique.	Idosos do Município de Orleans.

Fonte: Informações Museu ao Ar Livre Princesa Isabel

3.2 AÇÕES EDUCATIVAS DO MALPI DIRECIONADAS AO PÚBLICO IDOSO

Com base no levantamento realizado, constata-se que a maioria das ações educativas desenvolvidas pelo Museu são destinadas ao público escolar, cujo nível seria educação básica, sendo algumas iniciativas para a educação superior.

Algumas ações acabam por se repetirem ao longo dos cinco anos, em função de serem temáticas e de interesse da instituição, uma vez que a Febave mantém o museu da Imigração Conde D’Eu, cujo acervo faz referência aos colonizadores e também aos indígenas. São dois povos que estabeleceram disputas não só por espaço territorial, mas também por questões culturais. Com base nas questões relacionadas ao papel do museu na contemporaneidade, englobando a diversidade cultural, trabalhar com a questão indígena faz-se necessário, uma vez que abre espaço para discussões e novas ressignificações históricas.

Embora que em menor número, o MALPI também desenvolve ações educativas direcionadas ao público idoso. As atividades apresentadas indicam que ocorreram ações de interesse dessa pesquisa, envolvendo a temática memória social.

Com o objetivo de refazer o passado histórico e as memórias dos participantes, bem como promover uma integração entre eles, o **projeto UNIVIDA** foi de extrema relevância para o museu e também para os idosos que participaram. Além de fazer uma viagem ao tempo por meio do local e das peças disponíveis, ainda tomaram um café colonial, valorizando a gastronomia da época.

O **projeto Café com histórias** seguiu a mesma proposta da visita mediada nas unidades do Museu, com o objetivo de valorizar a memória dos idosos por meio do acervo (História oral). Além do café colonial servido dentro da casa do colono, reativando a memória uma vez que a casa do colono mantém todos os objetos da época, a mesa grande, o fogão a lenha, a gamela para lavar a louça, também foi realizada uma roda de conversa sobre assuntos pertinentes à época: Colônia Grão Pará, quais as descendências ali presentes, estrada de ferro, enchente de 1974, construção do Museu, trabalho com engenho, ferraria, marcenaria.

O **projeto Piquenique no Museu** fez parte da programação em comemoração ao aniversário do município, no dia 30 de agosto de 2017. Além da visita aos ambientes que compõem o MALPI, os idosos assistiram as encenações com o objetivo de tornar a proposta mais interativa e real.

Com relação as três ações desenvolvidas existe um diferencial importante entre elas. Gradativamente foi propiciando-se aos idosos interagirem mais com os participantes bem como com a história representada no museu. Na primeira atividade, os idosos realizaram uma visita guiada dentro do espaço do museu, visitando todos os alugares. Na segunda, foi dada a oportunidade aos idosos de relatarem suas experiências por meio da memória ali reativada. Percebe-se que na segunda proposta, como o próprio nome diz, Café com histórias, o grupo foi estimulado a falar sobre seu passado e os possíveis acontecimentos que marcaram suas vidas. Na terceira ação, fica clara a possibilidade maior de aproximação dos idosos com a história local, que na maioria das vezes faz parte da sua própria história. Por meio das encenações, a viagem ao passado foi muito mais rápida e real.

Desta forma entende-se que:

[...] as ações desenvolvidas pelos museus são importantes ao propor representar, por meio da cultura material e imaterial parte do legado de uma sociedade. Esse exercício de representação do passado pode fomentar a construção de história(s) e identidade(s) contribuindo, ou não, para a construção do sentimento de pertencimento, esquecimento e/ou lembranças (SILVA e NOVAIS, 2015, p. 32)

Agora para saber se as ações destacadas valorizaram a memória dos idosos, foram realizadas entrevistas com participantes da atividade Piquenique no Museu (2017), a fim de identificar os elementos mnemônicos que tecem a memória local.

4 METODOLOGIA

Quanto à natureza, essa pesquisa foi bibliográfica e documental. Com um enfoque qualitativo se realizou pesquisa de campo, utilizando-se da metodologia da História Oral.

Define-se por pesquisa bibliográfica:

O levantamento, a leitura, o fichamento, a análise e a interpretação de informações manuscritas, impressas, digitalizadas, obteníveis de livros, periódicos e demais artefatos culturais, físicos ou eletrônicos, passíveis de formarem bibliografia sobre um determinado assunto e de serem depositados em uma biblioteca real ou virtual para fins de consulta (RAUEN, 2015, p. 169).

Com relação à pesquisa de campo se faz necessário esclarecer que a mesma:

Consiste na obtenção de dados ou informações em situações naturais ou sócio históricas ainda não tratadas e/ou não consideradas como pertencentes ao acervo de conhecimento humano. Por campo definem-se as locações próprias onde estas informações se encontram, de modo que as conclusões emergem da coleta de dados naturais ou culturais, mediante observações diretas ou instrumentais (RAUEN, 2015, p. 163).

Para fundamentar a pesquisa buscaram-se dados sobre a criação do museu, bem como das ações educativas desenvolvidas. Os documentos escritos e fotográficos foram fornecidos pela Coordenadora do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel; outros locais de busca de informações foram acessados, como o site da Unibave e o Facebook do Museu.

Não há dúvida de que a metodologia da História Oral permite o registro de uma quantidade diversificada de narrativas de experiências de vida, viabilizando o acesso a visões de mundo e as histórias de vida provenientes de diferentes grupos sociais (ALBERTI, 2004, p. 46).

O trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Um de seus principais alicerces é a narrativa (ALBERTI, 2004, p. 77).

Na verdade, os depoimentos recolhidos através do procedimento de constituição de fontes orais traduzem visões particulares de processos coletivos. Para Paul Thompson (1992 apud Delgado, 2006, p. 32):

A história oral, ao dedicar-se a recolher depoimentos individuais, que se referem a processos históricos e sociais, apresenta inúmeras potencialidades

metodológicas e cognitivas, entre as quais destacamos as seguintes: apresentar novas hipóteses e versões sobre processos já analisados e conhecidos; recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões; contemplar o registro de visões de personagens ou testemunhas da história, nem sempre considerados pela denominada história oficial. Isto é, recolher depoimentos de anônimos, vencidos, membros de movimentos étnicos, integrantes de comunidades alternativas, entre outros.

De acordo com Delgado (2006), existem três tipos de entrevistas: depoimentos de histórias de vida, entrevistas temáticas, trajetória de vida.

Nesta pesquisa optou-se pela **entrevista temática**, uma vez que são entrevistas que se referem a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados, neste caso, o público escolhido para essa pesquisa foram os idosos participantes das ações educativas do Museu.

[...] a entrevista de história oral é resíduo de uma ação específica, qual seja, a de interpretar o passado. Note-se que, chamo isso de ação é porque estou indo um pouco além da constatação inicial de que a entrevista é uma construção do passado. Tomar a entrevista como resíduo de ação, e não apenas como relato de ações passadas, é chamar a atenção para a possibilidade de ela documentar as ações de constituição de memórias – as ações que tanto o entrevistado quanto o entrevistador pretendem estar desencadeando ao construir o passado de uma forma e não de outra (ALBERTI, 2004, p. 35).

Antes de mais nada, convém lembrar que as entrevistas, como toda fonte histórica, são vestígios para se conhecer o passado. No caso da História Oral, as pistas são relatos, surgidos a *posterior*. (ALBERTI, 2004, p. 78).

Os entrevistados foram selecionados a partir da participação na atividade intitulada Piquenique no Museu, realizada em 2017, sendo escolhidos três idosos, duas mulheres e um homem, cujos relatos que relataram sobre as categorias de trabalho, religião e vida doméstica.

De acordo com o dicionário de Ciências Sociais (1986), definiram-se as categorias trabalho e religião. O termo religião é, de modo geral, relacionado com o verbo latino religare: cumprimento consciencioso do dever, respeito a poderes superiores, profunda reflexão[...] Religiões são sistemas de crença, prática e organização que conformam uma ética que se manifesta no comportamento de seus seguidores. (p. 1058)

Quanto ao trabalho, tem significado geral – trabalho ou esforço frequentemente no sentido de lida penosa ou pesada, do qual derivam várias aplicações e usos análogos (como, por exemplo trabalhoso: o que exige muito esforço e exige muita persistência em vez de habilidade. (p. 1247)

Sobre a vida doméstica faz-se necessário entender o contexto de família. A contextualização da família na sociedade possui arcabouço diversificado de conceitos. A concepção de família que historicamente foi sendo construída é fruto da trajetória de sua existência na sociedade. Lévi-Strauss (1986) afirma que é, de acordo com o contexto social, em cada sociedade e em cada época histórica, que a vida doméstica passa a assumir determinadas formas específicas, evidenciando que a família não é instituição natural, mas reforçando a compreensão de que ela é socialmente construída de acordo com as normas culturais. Sendo assim, a vida doméstica abrange a forma como as pessoas que vivem em um mesmo espaço organizam-se quanto aos afazeres domésticos.

De posse desse entendimento, organizou-se a entrevista a partir de um roteiro, que segundo Delgado (2006), deve conter a síntese das questões levantadas durante a pesquisa em fontes bibliográficas, em fontes primárias e nas informações recolhidas no primeiro contato com o futuro entrevistado.

Os roteiros, por sua vez, devem: ser preparados somente após o aceite do entrevistado; ser flexíveis e adequados à linguagem e ao vocabulário do entrevistado; considerar dados biográficos em maior grau para as histórias e trajetórias de vida e em menor para as entrevistas temáticas; cruzar informações do roteiro individual, referentes à biografia do entrevistado, com as do roteiro geral, referentes à história da comunidade, país, grupo étnico ou social que está sendo pesquisado, constituir-se como um mapa da memória, e não como uma camisa de força que possa impedir maior flexibilidade na condução das entrevistas e na construção da narrativa (DELGADO, 2006, p. 26).

Após a aplicação do roteiro, foi feito o processamento e análise das entrevistas, envolvendo três etapas: a) transcrição das entrevistas, b) conferência de fidelidade, c) análise das entrevistas. Delgado (2006, p. 29), caracteriza cada etapa mencionada acima.

- a) **Transcrição das entrevistas:** primeira versão escrita dos depoimentos, buscando reproduzir com fidelidade, tudo o que foi dito, sem cortes nem acréscimos. As passagens pouco claras devem ser colocadas entre colchetes; dúvidas, silêncios e hesitações, identificadas por reticências; risos devem ser identificados com a palavra *riso* entre parênteses; o negrito deve ser utilizado para palavras e trechos de forte entonação. Deve-se também atentar para a pontuação, procurando-se assim não alterar o sentido das palavras e das frases.
- b) **Conferência de fidelidade:** a escuta do depoimento deve ser realizada simultaneamente à leitura da transcrição para corrigir erros, conferir a pontuação, verificar a existência de omissões ou acréscimos indevidos, verificar falhas[...]

- c) **Análise das entrevistas:** O maior desafio da análise das entrevistas consiste no fato de, valendo-se de depoimentos individuais e, por decorrência, singulares, construir evidências e estabelecer correlações e análises comparativas que possam contribuir para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados da melhor forma possível.

É importante lembrar que ao término de uma entrevista temática é necessário apresentar ao entrevistado, para sua anuência, uma carta de cessão, cujo modelo encontra-se no Apêndice A.

Por meio da metodologia da História Oral foi possível fazer fluir as lembranças do público idoso, tendo os temas trabalho, religião e vida doméstica, como fios condutores da memória local, que se interligam com o acervo do Museu, aqui representado como o lugar da memória.

Considera-se que todas as evidências levantadas nas análises das entrevistas foram contribuições significativas para o objeto de pesquisa. Como nos fala Bosi (1994, p. 81), “é o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quintessência do vivido”. Não com o objetivo de misturar passado e presente mas de identificar as lembranças estabelecendo conexões com as imagens de agora. Assim foi com os entrevistados participantes da visita no MALPI. As lembranças do passado afloraram e sem dúvida, as comparações com a vida atual marcaram todas as narrativas.

O que parece lixo espalhado e sem relação com nada, em primeira análise, torna-se um cosmo de conhecimento secreto quando é completado por narrativas e cerimônias. (ASSMANN, 2011, p. 414). As narrativas, tais quais os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão de herança identitárias e tradições. São, de acordo com Costa e Botelho (2001 apud Delgado, 2006) modos de traduzir o social.

5 ANÁLISE DAS NARRATIVAS

As narrativas, como fonte de pesquisa, forneceram subsídios para o entrecruzamento das informações, possibilitando suas análises. Este capítulo, tem esta finalidade, apresentar as análises feitas a partir das narrativas dos entrevistados e as percepções de análise do pesquisador com as linhas teóricas seguidas.

Bosi (1994) deixa claro que “entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido” (BOSI, 1994, p. 90). Ambos os personagens, narrador e ouvinte, entrevistado e entrevistador tem algo em comum, manter a história com seus acontecimentos relevantes, por meio das narrativas.

Para a autora, uma forma de testar a hipótese psicossocial da memória encontra-se nos estudos das lembranças do velhos. E é justamente nesta escuta dos velhos que buscamos informações que comprovem se as ações educativas desenvolvidas pelo MALPI, possibilitam a visibilidade e a valorização da memória do público idoso.

Alberti (2004) traz sua análise refletindo que “antes de mais nada, convém lembrar que as entrevistas, como toda fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado. No caso da história oral (comum em muitos outros), as pistas são relatos do passado, surgidos a posteriori, portanto” (ALBERTI, 2004, p. 78).

Os idosos participantes das entrevistas com roteiro semiestruturado, foram nomeados nesta pesquisa como **Entrevistada A**, **Entrevistada B** e **Entrevistado C**, sendo dois do sexo feminino e um do sexo masculino, com idade entre 68 a 83 anos. Todos os entrevistados possuem descendência italiana e são da religião católica.

A entrevista iniciou com o questionamento sobre a existência do Museu, se já tinham feito alguma visita, sendo que somente a **Entrevistada A** não conhecia o MALPI ainda. Os demais já conheciam, inclusive tinham participado de outras atividades propostas pela instituição. Na sequência os entrevistados relataram o que sentiram quando entraram no museu no dia da atividade Piquenique no Museu. A **Entrevistada A** relatou que “*foi muito bom ter participado da atividade porque recordou muita coisa, do tempo de criança, de quando era jovem[...] A gente trabalhou bastante com aquilo ali, que tinha o engenho de açúcar*”. Quando entrou na casa do colono o entrevistado disse “*passou um filme na minha cabeça de ver tudo aquilo ali. [...] Aquela polenta de caldeirão, que era o que nós fazia, hoje é só no gás. [...] E depois aqui na serraria, nossa essa aqui me marcou. A minha mãe e o meu pai serravam muita madeira, com serrote topiador, aquele que puxava de um lado e do outro, e a casa que nós morava meu avô construiu, meu avô serrou tudo a mão a madeira. [...] Cortava a cana e levava*

para o engenho para moer. Hoje em dia é tudo na energia, mas na época era tudo com o boi. É como se tivesse voltado ao tempo.

A **entrevistada B** disse “*senti muita saudade, vontade de chorar era demais*” e que lembrou muito da sua infância. “*Meu Deus, meu Deus, eu vou mais vezes ainda. Jesus amado, aquilo ali eu admiro assim. Parece que eu tenho sete, oito anos de idade. Muita saudade*”. [...] “*Eu adoro coisa antiga, coisa do passado, porque tem gente que não gosta, não admira né? Quem gosta de passado é museu, eles dizem. E eu adoro. Eu vim de uma família que só não tinha a atafona, mas tinha olaria, serraria e no tempo que não tinha luz elétrica e meu pai fez um mastro*”. Lembrou da infância, porque “*depois que nós casamos era só estufa de fumo, tocamos ainda um engenho, porque meu marido serrava madeira lá*”.

Já o **entrevistado C**, afirmou que “*tudo chamou a minha atenção, tudo o que apareceu lá, era tudo coisa antiga. Lembrei da serraria que conheci muito quando ainda era solteiro, lá em Brusque. Como fazê a enxada, a foice, como fazia tudo. É coisa bonita, É coisa que nós tinha e passamos tudo para a comunidade*”.

Figura 52: Serraria MALPI - Orleans



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora - 2017

Partindo dos relatos dos entrevistados fica claro que a visita no museu trouxe muitas lembranças de tempos passados e vividos por eles. Foi perceptível durante as entrevistas como os participantes estavam sentindo-se valorizados por ter alguém escutando suas histórias e como tinham orgulho de relatar cada acontecimento, independentemente de ser bom ou ruim.

Bosi (1994) afirma que a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos (BOSI, 1994, p. 90). O MALPI possibilita este cruzamento entre saberes de ontem e de hoje.

5.1 ANÁLISE POR CATEGORIAS

As análises seguintes foram divididas, deixando em evidência as categorias trabalho, religião e vida doméstica, bem como as subcategorias construídas mediante as informações obtidas nas entrevistas. Vale ressaltar que as categorias foram definidas a partir das representações pertinentes no MALPI, cujas construções incluem uma capela, diversas máquinas relacionadas ao trabalho, contribuindo com a caracterização da vida doméstica e consequentemente com a construção de um contexto social.

5.1.1 Categoria Trabalho

Para Bosi (1994), o trabalho possui dupla significação. Primeiro envolvendo os movimentos corporais que interferem na vida psicológica, bem como simultaneamente, traz seu caráter de inserção do sujeito no sistema de relações econômicas e sociais, onde este mesmo sujeito ocupa um lugar na hierarquia social. Ao mesmo tempo que os colonizadores realizavam o trabalho de transformação do espaço, desmatando, plantando, criando animais dentre outras atividades, eles também iniciavam um processo de inserção na sociedade.

Até nossos dias, as transformações ocorridas no ser humano estiveram condicionadas por uma série de mudanças na espécie, que só foram possíveis devido a sua capacidade de pensar e lutar pela superação de suas necessidades. Foi refletindo como superar as necessidades de alimentação, vestuário ou moradias que o homem se modificou. Com os colonizadores que vieram para a colônia de Orleans não foi diferente. Precisavam criar formas de sobreviver mediante as adversidades do espaço e do momento. E o trabalho era algo presente no dia a dia destas pessoas.

Segundo Ingold (2015), foi colocando-se de pé, em posição ereta, que os nossos antepassados empreenderam o percurso para a civilização, não foram – de acordo com essa história – os seus pés que os levaram até aí. Foram as suas mãos (INGOLD, 2015, p. 71).

Partindo desta premissa, torna-se fácil entender como os colonizadores construíram coisas para atender suas necessidades, pelo esforço físico, em especial pelo uso das mãos. O

trabalho, em sua maioria, foi realizado na roça. Cada um com suas habilidades próprias, contribuiu para o desenvolvimento local.

Ingold, (2015) afirma que “a mão faz a ferramenta; o pé impulsiona a máquina. Os homens fizeram história com as mãos; eles dominavam a natureza e a puseram sob controle [...] (INGOLD, 2015, p. 89).

Foi por meio das entrevistas conseguimos obter diferentes informações, uma vez que cada família traz suas características, sua cultura. Cada peça encontrada no museu, assim como as peças utilizadas pelos entrevistados para trabalhar, como as enxadas, os engenhos se transformaram em ferramentas e possuem uma história.

Para Ingold (2015), nomear a ferramenta é invocar a história. Para um objeto ser reconhecido como tal e usá-lo apropriadamente, deve-se compreendê-lo na sua dinâmica da produção até a utilização. Consideradas como ferramentas, as coisas são suas histórias. [...] Elas são as histórias que contamos sobre elas (INGOLD, 2015, p. 102).

Este aspecto foi muito observado durante as entrevistas. Na maioria das vezes, o instrumento ou o equipamento era o mesmo, mas relatado de forma diferente.

Seguem os principais relatos, tendo por categoria em destaque, o trabalho.

A **Entrevistada A** relatou que: “*Meu pai tinha o engenho do ladinho de casa. [...] Tinha o engenho de açúcar e o alambique.* Relatou também que o pai fazia, mas não bebia, não deixava os filhos nem experimentar a cachaça. Também trabalhavam na roça, plantando diversas coisas e criando animais.

Figura 53: Engenho de açúcar – MALPI - Orleans



Fonte: Acervo Fotográfico da Pesquisadora- 2017

A **Entrevistada B** relatou que tinha muito trabalho e todos aprendiam desde pequenos. *“Nóis ia para a escola dia sim dia não, uma hora de viagem. Estão lá os trajeto que a gente caminhava até chegar na escola, nós chegava da escola a minha mãe dizia assim, com dor de cabeça nem fome não tinha mais, porque já era quase 1h da tarde, quando a gente chegava. E daí a minha mãe dizia “meus filhos, vocês come e já vão que o teu pai tá lá em tal roça” eles plantavam mandioca, né. Precisa ver o que a gente passava, acordar cedo, plantar mandioca” [...] Sim, daí quando nós casamo, meu marido e meu irmão montaram uma serraria”*. A entrevistada deixa claro as dificuldades para poder estudar, mas que isso não era justificativa para não trabalhar.

Segundo a entrevistada, *“já serrei quanto na serraria, meu marido media na frente e eu marcava atrais. Eu serrava com ele, nós serrava madeira pra todo lado”*.

Figura 54: Serraria MALPI- Orleans



Fonte: Acervo fotográfico pesquisadora- 2017

Com relação as outras atividades, a entrevistada relatou que: *“Meu irmão levava lenha para vender e trazia perna de boi. Minha mãe tirava tudo os pedacinhos de carne, depois fervia o osso, batia com o pilão, raspava bem e tirava aquele caracu das pernas para fazer sabão. [...] “Meu pai botou o pilão dentro do engenho, daí batia e descascava o arroz, tinha cevador, tinha raspador tocado a água. Eu pegava a massa do cevador e fazia polvilho” [...] “O povo de Lauro Muller, chegava domingo, um levava melado, outro levava massa para fazer cuscuz, beiju, fazia em cima da chapa mesmo”*.

E para finalizar, a entrevistada afirmou que *“era, era a vida do museu mesmo! A casa do meu pai era igual. Precisa ver, a gente tem tanta história pra contar.”*

Figura 55: Casa do colono- MALPI- Orleans



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora - 2017

O **Entrevistado C** falou muito do engenho de açúcar, relatando “*Nós tinha o Engenho de açúcar, ia no mato pegava canela grossa, derrubava e os cara cavavam para fazer o oco, para fazer a gamela, para botar a forma e o melado corre embaixo caindo na gamela.*”

Figura 56: Engenho de cana de açúcar – MALPI- Orleans



Fonte:

<https://www.google.com.br/search?q=museu%20ao%20ar%20livre%20princesa%20isabel&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi-1d2W6dTZAhVL8mMKHT3lB24QsAQIJg>

Figura 57: Gamela com o melado



Fonte:

<https://www.google.com.br/search?q=museu%20ao%20ar%20livre%20princesa%20isabel&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi-1d2W6dTZAhVL8mMKHT3IB24QsAQIJg>

5.1.2 Quadro síntese das informações coletadas durante as entrevistas

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	
TRABALHO	Comércio	Porco, queijo, pena de ganso, boi, vaca, lenha, cachaça
	Agricultura	Arroz, mandioca, milho, feijão, trigo, fumo
	Exploração de recursos naturais	Madeira para lenha, construção de casas
	Engenho de açúcar	Açúcar, melado, cachaça.
	Granja de galinha	Mais tarde quando veio a energia

Fonte: Entrevistas temáticas realizadas pela pesquisadora 2017

5.1.3 Análise categoria Religião

Desde o princípio do mundo o homem acredita em uma força superior capaz de criar todas as coisas. Para a maioria das pessoas, este ser supremo chama-se Deus.

Até hoje, nos reunimos em locais (igrejas, templos) para louvar e celebrar o Deus no qual se acredita.

Figura 58: Capela MALPI- Orleans



Fonte:

<https://www.google.com.br/search?q=museu%20ao%20ar%20livre%20princesa%20isabel&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi-1d2W6dTZAhVL8mMKHT3IB24QsAQIJg>

Com relação à religião, temos o verbo latino *religare*, que implica um relacionamento íntimo e duradouro com o sobrenatural [...] As religiões realmente diferem quanto à importância que dão ao ritual e à complexidade de seus procedimentos rituais (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1986, p.1058)

O catolicismo como qualquer outra expressão do fenômeno religioso deve ser visto como um sistema de normas, valores e símbolos relacionados com o sobrenatural e o mágico. Engloba um conjunto de práticas rituais [...] (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1986, p.162)

Seguem os relatos dos entrevistados, conforme categoria religião.

Com relação a religião, a **Entrevistada A** fez alguns relatos que seguem: *“Meu pai sempre foi muito religioso, no domingo a gente levantava cedinho, fazia o serviço e todo mundo ia, a gente dizia o terço, hoje diz culto. E quando tinha missa, uma vez por mês, a gente ia na missa. Mas todo domingo de manhã era sagrado ir na igreja. Em casa durante a semana, toda a noite quando terminava o serviço tudo. A gente limpava tudo, daí minha mãe já dizia vamos pegar o rosário e vamos rezar esse terço. Era sagrado”*.

Já a **Entrevistada B** disse que *“nóis colocamos a gruta do Amaral, hoje tem a capela na gruta. Nós ia se confessar na matriz em Lauro Muller. Nós ia de madrugada, o galo cantando, porque tinha que se confessar de madrugada, em jejum. A procissão de uma festa, tinha que colocar o véu na cabeça, se tinha uma manga curta assim, o padre tirava da procissão[...] Meu pai rezava na hora da comida, se benzia, fazia a oração. De noite era sempre*

gente, a casa do meu pai era um achego (monte) de gente. [...] Depois chegou um tempo que pra lá da casa do meu pai, tinha uma espiritista, que ela dava remédio e tinha que ser sexta-feira de manhã, antes do sol sair. [...] As pessoas que iam pra lá ficavam tudo na casa do meu pai. Tudo pra ir nesta doutora Rosinha. Ela benzia, dava remédio homeopatia, era gente boa, não era de fazer o mal. [...] Quando chegava quinta-feira de tarde, meu pai dizia para minha mãe, botar um caldeirão de batata cozinhar, fazer uma fornada de pão para aquele povaréu que chegava de noite. Meu pai tratou de muita da gente”.

Figura 59: Forno a Lenha – MALPI - Orleans



Fonte: Acervo Fotográfico da Pesquisadora – 2017

Quanto ao **Entrevistado C** afirmou que acordavam cedo para ir na igreja todo o domingo. Depois de casado, começou a trabalhar na igreja como fabriqueiro (pessoa que organizava a comunidade, fazia as festas de igreja, os bailes) e ajudou a construir a igreja.

Constatou-se durante as entrevistas que todos os entrevistados eram praticantes da religião católica e que o exercício da fé era praticado em todas as famílias.

5.1.4 Quadro síntese das informações coletadas durante as entrevistas

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	
RELIGIÃO	Católica	Ir na igreja todo domingo, rezava o terço
	Espiritista	Benzia e dava remédios caseiros
	Missa	Geralmente nos domingos
	Novena	Durante a semana, nas casas das famílias

	Terço	Geralmente, no final do dia, antes de dormir.
--	-------	---

Fonte: Entrevistas temáticas realizadas pela pesquisadora 2017

5.1.5 Análise categoria Vida doméstica

Para começar do contexto mais amplo, vivemos há um tempo consideravelmente longo na era da habitação global, em que há tendências e forças determinando de forma radical o sortimento de moradias em todas as partes do mundo (MULLER, 2013, p. 122).

A vida doméstica possui organizações diferenciadas, conforme costumes de cada época. Estas diferenças ficam evidentes nos relatos dos entrevistados. Algo comum era que todos trabalhavam, homens, mulheres e crianças. Na época do feudalismo europeu, por exemplo, as organizações já possuíam características semelhantes às vividas pelos colonizadores no Brasil.

A família, que reúne seus membros para comer e para conversar, dispersa-os para trabalhar. A cada um sua tarefa. (DUBY, 2009)

Os privados formavam o que o francês medieval chama de "ménage" [família] ou a "maisnie", [...] "Sua própria família permanecendo em sua casa, isso deve ser entendido daqueles que fazem suas próprias tarefas e as suas custas": moradia comum, alimento comum, uma equipe dirigida por um chefe e cujos membros sob suas ordens trabalham juntos em uma tarefa comum — o exato equivalente da fraternidade monástica (DUBY, 2009, p. 74).

A **Entrevistada A** disse que “*chegava da aula e já ia fazer os serviços de casa e depois quando era maiorzinha pegava a enxadinha e acompanhava o pai e a mãe na roça. Os afazeres da casa era tudo junto. Chegava todo mundo da roça um ia fazer uma comida, outro ia lavar uma roupa [...] O meu pai não ajudava na limpeza porque ia tratar a criação, fazer o serviço pela rua. Fazer comida, limpar a casa, lavar a roupa era a mãe e nós, as filhas.*

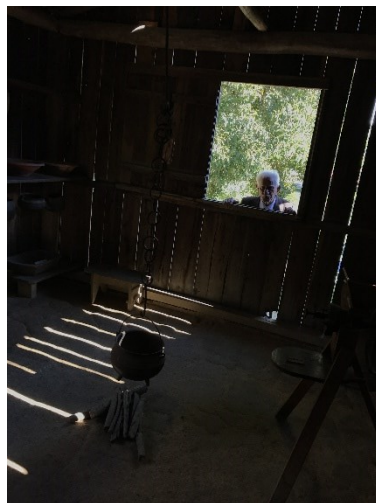
Com relação à alimentação da época, também existiam diferenças. Sendo que a entrevistada afirmou que: “*a comida era muito gostosa, polenta minestra, no domingo a mãe fazia uma massa, com carinha ensopada*”. A minestra era feijão batido e depois cozido com arroz.

Já a **Entrevistada B** disse que “*era fatura mesmo, meu pai ia na charqueada[...] a gente carneava também. Meu irmão comprava 40, 50 perna de boi, tinha tudo carne, minha mãe tinha umas gamela, ele enchia de carne picadinha, naquele tempo não tinha geladeira, a minha mãe batia, tirava a patinha (pata do boi) aquilo dentro do feijão era coisa mais gostosa que tinha. [...] Com sete anos de idade, eu e a minha irmã, lavava varalada (varal grande) de*

roupa [...] lavava no lavador no rio. Nós não tinha poço, era água do mato. [...] A casa não era pintada, mas não faltava de comer. A casa do meu pai parecia um restaurante. E os baile com aquele casarão? Era uma casa que meu pai comprou no Rio do Rastro que era um armazém, porque a nossa primeira casa era de barro que o meu pai fez enquanto desmatava, fez aquela casa provisória. [...] Ah, eu tenho tanta história para te contar. Nós fomo criado na fartura, criado numa fartura enorme. Eu vejo os italianos falarem que naquela época era o tempo da minestra, nós não. [...] Todo mundo trabalhava igual, nos moía cana, meu pai lambicava cachaça.

O **Entrevistado C** disse que a alimentação de domingo era uma galinha ensopada, com batata inglesa para render mais. As famílias eram grandes, geralmente 11, 12 filhos. “*Uma tarrafa grande não pega tudo [...] A minha mãe me contou que eu fui enterrado. Enterrava da cintura para baixo, para ficar só com os braço de fora, para ela poder trabalhar e eu ficar na sombra*”. Disse também que faziam polenta no caldeirão com três pedras para firmar o caldeirão e tinha que dar uma molhadinha no chão para não levantar poeira. A água pegava na fonte (vertente). Trazia de balde.

Figura 60: Caldeirão de chão, suspenso por uma corrente- MALPI - Orleans



Fonte: Acervo Fotográfico da pesquisadora - 2017

5.1.6 Quadro síntese das informações coletadas nas entrevistas

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	
VIDA DOMÉSTICA	a) Atividade femininas	Ajudava na roça, mas tinha que fazer os afazeres da casa: lavar, cozinhar, costurar.
	b) Atividade masculinas	Serviços de rua: tratar a criação: gado, galinhas.
	c) Alimentação	Utilizavam o que se plantava e criava em casa.
	d) Cuidados com o filhos	Levava para a roça

Fonte: Entrevistas temáticas realizadas pela pesquisadora 2017

5.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com base na concepção de Walter Benjamin, Bosi (1994), menciona que a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam (BOSI, 1994, p. 85).

As entrevistas realizadas possibilitaram uma aproximação entre narrador e ouvinte onde as experiências ganharam espaço e valor, frente aos acontecimentos do presente. Conhecer como as coisas aconteciam, suas particularidades, suas características próprias, se torna muito mais real por meio das narrativas.

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana (BOSI, 1994, p. 90).

Por meio dos relatos obtidos, fica evidente a importância dos saberes contidos nas narrativas de cada entrevistado para a realização da pesquisa. Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos.

Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem ainda não os viveu e até humanizar o presente (BOSI, 1994, p. 82).

Conhecer o passado por meio das memórias de pessoas mais velhas é ter contato com novos saberes. Diferente de ler um registro escrito, diferente de observar uma peça, um objeto, a narrativa possibilita quase que vivenciar o acontecido. “A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte” (BOSI, 1994, p. 82).

Os entrevistados realizaram seus relatos com uma mistura de sentimentos e, por consequência, com uma riqueza de detalhes que fez toda a diferença. Afinal,

Hoje, fala-se tanto em criatividade... mas onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora? Nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza. O velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é guardião. De outro lado, recupera o tempo que correu e aquelas coisas que, quando as perdemos, nos fazem sentir diminuir e correr (BOSI, 1994, p. 83).

Com o passar do tempo as coisas se modificam e com elas os costumes, as tradições, o jeito de ser e fazer as coisas. Foi possível perceber diante dos relatos dos entrevistados um certo descontentamento frente as coisas, como se nada do que fizeram ou disseram tivessem mais valor.

Ao inter cruzar as narrativas com o acervo organizado dentro do MALPI, percebe-se que parte da história dos colonizadores representada está presente na memória dos entrevistados, que apresentaram nas suas narrativas, o trabalho, a religião e a vida doméstica.

Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história (BOSI, 1994, p. 418).

Com relação à religião, pode-se constatar que todos os entrevistados eram da religião católica, o que não impedia de se utilizarem de outras formas de religiosidade, como bem cita uma entrevistada, falando da espiritista e benzedeira. Percebe-se também pelos relatos que todos tinham uma crença muito forte, a fé estava presente em todas as famílias. Todos destinavam um tempo para as coisas ligadas à religião, por meio das missas, das orações em casa (terço), da dedicação com as construções de igrejas, grutas e organização de festas religiosas.

Muitos se enchiam de orgulho ao afirmar que eram da religião católica e que deixaram feitos importantes para a continuidade da história religiosa local. Muitos hábitos se perderam com o tempo, como utilizar o véu sobre a cabeça e roupas que não expusessem o corpo. Bauman (2012) nos mostra que em tempos de modernidade líquida, as memórias se diluem diante de uma cultura em movimento e que, portanto, as transformações acontecem com muito mais rapidez. E estas transformações interferem também nas práticas religiosas.

Ao falar sobre a organização da vida doméstica fica claro a diferença de atividades entre homens e mulheres. A sociedade doméstica era então atravessada por uma separação nítida entre o masculino e o feminino, institucional, e que repercutia sobre a maior parte dos comportamentos e das atitudes mentais (DUBY, 2009, p. 90).

A organização familiar, descrita pelos entrevistados, ganha destaque para as atividades específicas para as mulheres, como os afazeres de casa: cozinhar, costurar, lavar a roupa, cuidar dos filhos, enquanto que os homens se preocupavam mais com as atividades do campo, plantar, cuidar dos animais. O que ficou muito presente nos relatos dos três entrevistados é que o trabalho tinha uma importância enorme. Desde muito cedo, as crianças já iniciavam no mundo do trabalho, geralmente aprendendo o ofício dos pais, sempre seguindo a dicotomia homens e mulheres. Quando bem pequenos, as crianças acompanhavam os pais na roça e ficavam dentro de balaies ou enterrados, como descreve um entrevistado. Nada justificava não ir para o trabalho. Além de todos os afazeres domésticos, a mulher também ajudava na roça. As famílias sobreviviam das atividades da agricultura, pecuária e exploração de matéria prima da natureza, como a madeira.

Das três categorias apresentadas na pesquisa, a do trabalho teve maior repercussão nas narrativas. O MALPI salvaguardou réplicas de máquinas utilizadas na época da colonização: engenhos de açúcar e farinha, serraria, poço, forno a lenha. Ao conversar com os entrevistados, todos descreviam as atividades realizadas nos engenhos, na serraria, no pilão, enfim, tudo remetia a um passado de trabalho, de lutas e de dificuldades. Todos relataram que era uma vida difícil, de muito sacrifício para se conseguir sobreviver. Aparecem algumas iniciativas no exercício do comércio, com a venda de lenha, pena de ganso e outros produtos extraídos da natureza ou produzidos em casa, como era o caso da cachaça. Alguns entrevistados deixaram a emoção tomar conta ao relembrar de como eram as coisas antigamente.

Com a possibilidade de acesso as narrativas, é como se as informações e acontecimentos ganhassem uma nova valoração, um novo sentido. É “tal como as plantas, que na estação da seca se imobilizam e brotam nas primeiras chuvas, certas lembranças se renovam e em certos períodos dão uma quantidade inesperada de folhas novas. Como planta que se fortalece com a

enxertia – outros ramos se nutrem de suas raízes e frutificam com vigor renovado, chamando para si a seiva dos galhos originais – a enxertia social não deixa que as lembranças se atrofiem. (BOSI, 1994, p. 426).

Por fim, as narrativas obtidas com as entrevistas realizadas comprovaram que as ações educativas promovidas pelo MALPI e direcionadas ao público idoso lhes dão visibilidade e valorizam a sua memória. Foi possível perceber o quanto de emoção e saudade permearam as narrativas. “A recordação é tão viva, tão presente, que se transforma no desejo de repetir o gesto e ensinar a arte a quem o escuta” (BOSI, 1994, p. 474).

Acompanhar os relatos de cada um dos entrevistados foi de extrema relevância para compreender os modos de vida. Todos, sem exceção, contaram suas experiências de maneira detalhada, sendo dessa forma, possível perceber o quanto suas narrativas contribuíram com a história local, representada no MALPI pela cultura material e seus espaços de memória e vivências.

Percebe-se com nitidez o papel do museu como ativador desta memória. Com relação a participação na ação educativa piquenique no museu, na medida em que viam os objetos, participavam das encenações dentro do museu, faziam comparações, onde as semelhanças estavam sempre presentes. Era como se uma memória latente viesse à tona.

Lutz Niethammer, em um texto sobre questões metodológicas da história oral, distingue dois níveis de memória, a ativa e a latente. A primeira seria aquela de que sempre precisamos e que está permanentemente à disposição – como, por exemplo, a ideia de que se tem da vida como um todo -, e a segunda, a memória que necessitaria de reconstruções e associações para ser recuperada (ALBERTI, 2004, p. 35).

Por meio do MALPI, essa memória latente pode ser recuperada. Diante de todas as lembranças dos entrevistados, das relações estabelecidas com a vida passada, é possível entender o papel importante que o museu desempenha para com a memória.

[...] as relações que os indivíduos estabelecem com os diferentes patrimônios são fundamentais para a preservação da memória, possibilita pensar outros tempos, compreender outros modos de vida, conhecer outras técnicas, pensar a diversidade de fazeres e saberes que permeiam o cotidiano das múltiplas culturas (SILVA e NOVAIS, 2015, p. 32).

Os museus possibilitam entender como as coisas aconteceram, muitas vezes justificando muitas ações e atitudes atuais. Visitar os museus, compartilhar das ações educativas por eles realizadas significa estar aberto a diversidade cultural. Visitar o MALPI é permear na história dos colonizadores desta região.

Como espaço de memória, o MALPI cumpriu com o seu papel, ao ressaltar aspectos da cultura material que remetem a um passado, nem sempre glorioso, mas repleto de vida, de lembranças e de apreço pelos atributos de um tempo onde sobreviver era a tônica, e os elementos fundamentais que os moviam como o trabalho, religião e vida doméstica representavam o esteio da unidade e da continuidade de uma história que veio do além mar e se modificou nas terras americanas, que apresentaram outros desafios e formas diversas de ver e viver a vida.

6 CONCLUSÃO

Vivemos em um mundo que se transforma a cada segundo, onde temos que conviver com o desenvolvimento acelerado da tecnologia e dos meios de comunicação de massa. Neste sentido parece que falar de museus e de sua importância seria um pouco contraditório. No entanto é importante ressaltar que o museu tem sua função, que mais do que preservar o patrimônio é socializar saberes relativos a este patrimônio, por meio de ações educativas.

Ao avaliar a trajetória do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel (MALPI), constatou-se que o mesmo caracteriza-se como uma obra de extraordinário valor, pois nele está demonstrado como os recursos naturais podem ser utilizados para benefício do homem (SOUZA, 2002, p. 66).

Outro aspecto relevante neste contexto histórico do museu, é entender as dificuldades pelas quais se passou para sua construção e, conseqüentemente sua manutenção, muitas vezes sem investimento do poder público.

Por meio das ações educativas desenvolvidas, é possível perceber sua interação com a comunidade local e com os diversos públicos. As ações foram as mais diversas possíveis, sendo que a cada ano pesquisado foram selecionadas cinco ações, sempre com o olhar voltado para o público alvo desta pesquisa: os idosos.

Pesquisar sobre as ações educativas desenvolvidas pelo MALPI, com direcionamento para o público idoso, foi um desafio. Na sua maioria, as ações estavam voltadas para o público escolar, em especial de educação básica, porém o que se percebeu é que o museu vai além, ele se caracteriza como um lugar de memória que engloba os diversos públicos.

No recorte temporal feito, entre 2012 e 2018, foi possível identificar três ações educativas, cujos temas foram: UNIDOSO, Café com Histórias e Piquenique no Museu, sendo que nesta última, foi possível a minha participação como pesquisadora. Tive a oportunidade de acompanhar os idosos durante toda a programação e constatei na prática o quanto emocionados ficavam ao entrar nos ambientes do museu, principalmente se tinham alguma relação direta com sua vida.

Nesta ação educativa denominada Piquenique do Museu, os participantes tiveram muito mais que uma simples visita guiada. Como diferencial, acompanharam encenações por todos os espaços do museu. As mulheres na casa do colono, desempenhando suas atividades domésticas, (cozendo, costurando, lavando louça na gamela (espécie de bacia de madeira pendurada na parte externa da janela), a serreria, engenhos, monjolo, todos em funcionamento.

Foi uma tarde regada de muita música, dança e diversão, mas também de lembranças, memórias e saudades.

O museu possibilitou aos idosos experiências diferentes, ali eles tiveram a memória reativada, por meio dos objetos, dos espaços construídos. Realizaram uma viagem no tempo por meio da recordação própria, de coisas vivenciadas por eles e que com certeza precisam ser conhecidas pelas novas gerações. Conclui-se desta forma, que o Museu constitui-se em um lugar de memória.

Fazendo uma relação com a teoria do Estudos Culturais, entende-se que a cultura não pode mais ser concebida como acumulação de saberes ou processo estético, intelectual ou espiritual. A cultura precisa ser estudada e compreendida tendo-se em conta a enorme expansão de tudo que está associado a ela, e o papel constitutivo que assumiu em todos os aspectos da vida social (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003, p.38)

Os entrevistados desta pesquisa, bem como os colonizadores que viveram nesta região nos deixaram um legado cultural enorme e que precisa ser entendido como parte do passado mas também com relevância para o presente e futuro.

Como afirma Dourado (2006, p. 37) “os homens como sujeitos da história e de suas temporalidades podem produzir acontecimentos e mudanças, ou impedi-los de se concretizarem”. Quantas ações nossos antepassados conseguiram realizar e tantas outras que ficaram só no desejo.

Todas as “coisas” construídas se tornam representações de algo. Um noticiário de televisão, as imagens, gráficos etc. de um livro didático ou as músicas de um grupo de rock, por exemplo, não são apenas manifestações culturais. Eles são artefatos produtivos, são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado e as hierarquias são estabelecidas (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003, p.38)

Johnson (2010) deixa claro que [...] os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações coisas, especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estrutura racial das relações sociais e com as opressões de poder (JOHNSON, 2010, p. 12).

Pensando nisso é que trabalhou-se durante a pesquisa com três categorias: religião, trabalho e vida doméstica, tentando construir um contexto mais amplo onde os processos culturais estivessem presentes e de forma mais organizada. Como já mencionado anteriormente, as categorias foram definidas a partir do contexto encontrado no MALPI, onde as entrevistas temáticas possibilitaram a construção do contexto passado.

São relevantes as considerações de Ingold (2015), na perspectiva de que as coisas ganham sentido, forma e significado a partir da interferência do homem. Portanto o que temos no museu só tem sentido porque alguém lhe conferiu isso. Valorizar a história por meio das memórias e narrativas dos idosos, é tornar toda a história do Museu repleta de sentidos e significados.

Esta pesquisa possibilitou transitar por caminhos já conhecidos, mas reconstruídos e rememorados por meio das narrativas. O intercruzamento de histórias, fatos obtidos, lembranças marcantes de uma época, trouxeram a certeza de que o MALPI, por meio de suas ações educativas, e do seu espaço repleto de memória, possibilita a visibilidade e valorização das memórias do público idoso.

Vale ressaltar que essa pesquisa não se esgota por aqui, muitas possibilidades de investigação surgiram ao longo da caminhada, que podem ser pensadas e elaboradas para o desenvolvimento de outras perspectivas acadêmicas, envolvendo a memória dos velhos e os museus.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina de; CHAGAS, Mário (orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALMEIDA, Adriana Mortara. VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Porque visitar museus. In> BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- ARIES, Philippe; DUBY, Georges. **História da Vida Privada- Da Europa a Renascença**. Tradução: Maria Lúcia Machado – SP- Companhia de Bolso, 2009.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENCHETRIT, Sarah Fassa. Preservar por quê? Preservar pra quem? IN: RODRIGUES, Cláudia S; GRANATO, Marcus; BEZERRA, Rafael Zamorano. **Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.
- BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional**. Traduzido por Mauricio Santana Dias. Revista do patrimônio Histórico e Artístico Nacional, [S.1.], n. 23, p. 95-115, 1994.
- CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006.
- CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo; Ática, 1995.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Revista Brasileira de Educação. Nº 23. Maio. 2003
- DALL'ALBA, João Leonir. **Imigração italiana em Santa Catarina**. Caxias do Sul. Editora Universidade de Caxias do Sul, Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Florianópolis. Ed. Lunardelli, 1983.
- _____. **Relatório da construção do Museu ao Ar Livre Orleans**.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Dicionário de Ciências Sociais. Fundação Getúlio Vargas, instituto de documentação, Benedicto Silva, coordenação geral; Antonio Garcia de Miranda Netto. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

DOURADO, Flávia. **Memória cultural: o vínculo entre passado, presente e futuro**. Instituto de estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 23/05/2013. Disponível em <http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>. Acesso em

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: Histórico, conceitos e processos. Ministério da Cultura. Revista IPHAN, 2014.

FALCÃO, Andréia. Museu como lugar de memória. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Museu e escola: Educação Formal e não formal**. TV Escola/Salto para o futuro, Ano XIX, n. 3, maio de 2009.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras e tal. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Museu Imperial. IPHAN, 1999.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ, Vozes, 2015.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina, SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, estudos culturais**. Org. e tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 4ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

LEGISLAÇÃO NACIONAL Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009.

LEVI-STRAUSS, C. (1986). **O OLHAR DISTANCIADO**. LISBOA: EDIIES 70.

MULLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto de História, n. 10, São Paulo, Educ/PUC, p. 7-28, 1993.

PELEGRI, Sandra C. A. **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, 2006, v. 26, nº 51.

PORTELA, Sérgio Luiz Dias. **Missão Histórica da Administração Pública Federal na Área da Cultura**. 2001.163 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Administração Pública, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. 2001. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3342/000304620.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20/07/2017

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**; tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de iniciação científica**: os primeiros passos da pesquisa científica desde a concepção até a produção e a apresentação. Palhoça: Ed. Unisul, 2015.

RIBEIRO, Raimundo Donato do Prado. **Memória e contemporaneidade**: as tecnologias da informação como construção história. 2004. Acesso em 15 de junho de 2017
<http://consciência.br/reportagens/memória/13>. Shtml

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, Murilo Borges, NOVAIS, Sandra Nara da Silva. **Fragmentos de memória: O museu, a sociedade e o ensino**. Boletim: Museu Histórico de Jataí Francisco Honório de Campos. Prefeitura Municipal de Jataí. GO. Museu Histórico de Jataí: Gráfica Jataí, ano 16, n. 1, 2015.

SKANSENS história. Site do Museu Skansens. Estocolmo, Suécia. Disponível em:
<http://www.skansen.se/sv/artikel/skansens-historia>. Acesso em: 18/07/2017.

SOUZA, Celso de Oliveira. Museu ao Ar Livre de Orleans. **Oficinas do saber**: apoio didático para trabalhar com educação patrimonial. Orleans: FEBAVE, 2002.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

APÊNDICE

**APÊNCIDE A –
CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS
SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu, _____

CPF nº _____, declaro, ceder ao [Nome do núcleo/unidade
sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros,
plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico
documental que prestei ao [Nome do Projeto].

O [Núcleo/Unidade] fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar
e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou parte, editado
ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com
a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do depoente